



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

CRISTOS, COMO EU!

Série de *podcasts* sobre a identificação de jovens negros evangélicos com o cristianismo

FELIPE SILVA ARGUELHO DOS SANTOS

Campo Grande
NOVEMBRO/2025



CRISTOS, COMO EU!

Série de *podcasts* sobre a identificação de jovens negros evangélicos com o cristianismo

FELIPE SILVA ARGUELHO DOS SANTOS

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: “Cristos, como eu”: podcast jornalístico sobre a identificação de jovens negros com o cristianismo

Acadêmico: Felipe Silva Arguelho dos Santos

Orientador: Marcos Paulo da Silva

Data: 25/11/2025

Banca examinadora:

- 1. Daniela Cristiane Ota**
- 2. Rosangela Aparecida Hilário**

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca ressalta a importância da temática e a qualidade do trabalho. Também recomenda que os resultados sejam publicizados em trabalhos acadêmicos e que o podcast receba continuidade.

Campo Grande, 25 de novembro de 2025.

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**

**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Paulo da Silva, Professor do Magisterio Superior**, em 02/12/2025, às 10:19, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**

**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman**,
Coordenador(a) de Curso de Graduação, em 02/12/2025,
às
10:24, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com
fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Felipe Silva Arguelho dos Santos (6017611) SEI 23104.015712/2025-27 / pg. 1

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código
verificador **6017611** e o código CRC **7B6DBAA2**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27 SEI nº 6017611 Ata Felipe Silva Arguelho dos Santos (6017611)

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



SEI 23104.015712/2025-27 / pg. 2

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



AGRADECIMENTOS

Louvo a Deus por esta etapa concluída. Sem dúvida, Ele foi meu principal apoio neste período e me concedeu o maior objeto de estudo: Jesus. Agradeço ao meu amigo Espírito Santo, que intercedeu e me fortaleceu quando pensei em desistir.

Em nome dos meus pais, Alessandra e Adevaldo, agradeço a toda a minha família, que foi crucial neste processo. Todos lutaram muito para que eu chegasse até aqui e ocupasse o lugar que ocupo hoje. Muito obrigado! Eu sei o quanto foi difícil para que eu permanecesse, mas Aquele que fez a promessa é fiel para cumpri-la!

Agradeço também a um grupo seletivo de irmãs que oraram comigo e me fortaleceram para que eu me tornasse jornalista: Miss Ariane, Miss Loren, Miss Maria Rodrigues, Miss Nete, Diaconisa Jucilania e cooperadora Karina. Vocês me ofereceram apoio espiritual e emocional para suportar a distância dos meus pais e a solidão do processo.

Em nome do meu orientador, professor Marcos Paulo da Silva, agradeço a todo o corpo docente do curso de Jornalismo. Vocês foram fundamentais neste processo, e acreditar que a educação pode transformar vidas faz com que o nosso curso, mesmo muitas vezes desvalorizado, mantenha sua relevância social.

Agradeço à Evelyn Mendes, em nome de todos os alunos do curso de Jornalismo que me auxiliaram neste processo. Amiga Evelyn, você tornou esse caminho mais leve e mais alegre, choramos e rimos juntos. Viajar para nossos “países”, Nova Lima e Noroeste, com toda certeza foi um dos momentos mais marcantes e divertidos dessa jornada.

Finalizo meus agradecimentos institucionais expressando minha gratidão a Thiago Stiirmer, o Thi, e a todos os técnicos que me ouviram e ajudaram na realização deste produto. Sem o amparo de vocês, nada disso seria possível. As mãos de cada um fazem a nossa universidade acontecer.

Por fim, agradeço e dedico o meu Trabalho de Conclusão de Curso à minha eterna e querida amiga Eunice Paes de Andrade (Ncinha), que faleceu no dia 23/10/2025. Ela me apoiou intensamente durante este processo acadêmico e permanecerá para sempre em minha memória e coração.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	8
Introdução	9
1. Atividades desenvolvidas	14
1.1 Execução	14
1.2 Dificuldades encontradas	15
1.3 Objetivos alcançados	16
2. Suportes teóricos adotados	18
2.1 Religião mais negra do Brasil	18
2.2 Desconstrução da Figura de Jesus na Perspectiva Antirracista	21
2.3 Construção da Identidade Negra	23
2.4 Formato	25
2.4.1 <i>Podcast</i> , o que é?	25
2.4.2 <i>Podcast</i> como formato de jornalismo:	26
Considerações finais	28
Referências	30
Apêndice	33



RESUMO

O presente trabalho apresenta o desenvolvimento da série de podcasts jornalísticos *Cristos, como eu!*, que busca compreender a identificação de jovens negros evangélicos com o cristianismo em Mato Grosso do Sul. A partir de pesquisa bibliográfica, entrevistas e análises jornalísticas, a produção propõe uma reflexão sobre a representatividade racial no meio religioso e sobre como a fé influencia na construção da identidade negra. O podcast, enquanto formato jornalístico, foi escolhido por possibilitar uma narrativa imersiva e acessível, promovendo escuta e diálogo sobre temas sensíveis. O trabalho evidencia o papel do jornalismo sonoro como ferramenta de inclusão e reconhecimento social dentro das comunidades de fé.

PALAVRAS-CHAVE

Podcast jornalístico; Religião; Identidade Negra; Representatividade; Mato Grosso do Sul.



INTRODUÇÃO

Segundo a narrativa bíblica, Jesus Cristo, o princípio central do movimento cristão, nasceu em Belém de Judá e percorreu a região do Oriente Médio durante suas peregrinações. Após sua morte, seus discípulos assumiram a responsabilidade de disseminar sua mensagem pelo mundo. Ao longo do tempo, teólogos e estudiosos - como Vieira, (2023), que afirma categoricamente que Jesus é negro - passaram a questionar a branquitude de Jesus, pois, analisando a região onde nasceu, muito provavelmente jamais teria uma imagem embranquecida.

Segundo Noroefé e Andrade (2022), durante o Império Romano, o cristianismo foi propagado pelo apóstolo Paulo e com a expansão do império romano chegou a Portugal através da Península Ibérica e gradualmente converteu as pessoas da região, por meio do trabalho missionário. A tradição atribui a Tiago, um dos apóstolos de Jesus Cristo, a pregação do cristianismo na região no século I d.C, consolidando a devoção a ele como padroeiro de Portugal e Espanha (Noroefé; Andrade, 2022).

A concessão da liberdade de culto aos cristãos em 313 d.C pelo imperador Constantino marcou um ponto crucial, visto que anteriormente eles enfrentavam perseguição e tortura devido às suas crenças. Em 380 d.C o cristianismo foi oficialmente estabelecido como a religião do Império Romano por um decreto promulgado por Teodósio¹. Constantino adotou medidas para preservar seu império, incluindo a divisão entre o Ocidente, com Roma como capital, e o Oriente, conhecido como Império Bizantino, tendo Constantinopla como sua capital. Essa divisão resultou em diferenças culturais que, por sua vez, influenciaram divergências em questões como a liderança da igreja, o culto às imagens, os rituais, os dias santificados e os privilégios do clero.

Com a consolidação do cristianismo como religião oficial do Império Romano a partir do século III d.C., a fé cristã se disseminou de forma mais organizada, enraizando-se profundamente na região por meio da cristianização gradual das populações locais e da construção de igrejas e mosteiros (Marques, 2010).

Ao longo dos séculos seguintes, esse processo de institucionalização e expansão cristã moldou profundamente a cultura européia medieval e moderna, criando as bases religiosas

¹ A medida foi resultado de um longo processo iniciado com o Édito de Milão (313), que garantiu liberdade religiosa, e intensificado pelas disputas entre nicenos e arianos ao longo do século IV. Ao definir a fé nicena como a única forma legítima de cristianismo, Teodósio buscou unificar o Império em torno de uma doutrina específica e reforçar a autoridade episcopal, abrindo caminho para a repressão às práticas pagãs e para a consolidação de um Estado confessional cristão nos anos seguintes.



que seriam levadas pelos impérios coloniais em suas explorações ultramarinas. Foi nesse contexto global de difusão do cristianismo, já fortalecido na Europa e, mais tarde, impactado pela Reforma Protestante, que se estabeleceu a presença cristã no território que viria a ser o Brasil.

A invasão dos portugueses ao Brasil aconteceu em 1500, liderada pela Coroa na figura do explorador Pedro Álvares Cabral, que reivindicou a terra em nome de Portugal. Poucos anos depois, em 1517, no mesmo contexto temporal em que a colonização portuguesa avançava pela América do Sul, o líder religioso Martinho Lutero contestou os ensinamentos da Igreja Católica e a dificuldade de acesso às sagradas escrituras, então restritas ao latim (Mendonça; Velasques Filho, 1990). Como forma de protesto, publicou suas 95 teses na porta da igreja matriz da Paróquia de Wittenberg, prática comum à época. Esse ato desencadeou uma ruptura dentro do cristianismo ocidental, dando origem à Igreja Luterana e, posteriormente, a outras denominações protestantes (Irineu et al., 2012). O movimento reformista europeu, ao modificar estruturas religiosas e redefinir relações de poder, também moldou as dinâmicas de expansão da fé cristã para outros continentes, inclusive para os territórios colonizados.

Assim, quando teve início o processo de colonização efetiva das Américas, o cristianismo, sobretudo o catolicismo, religião oficial da Coroa portuguesa, foi utilizado como instrumento de catequização, influenciando profundamente as populações indígenas e africanas escravizadas (Tadeu, 2022). Conforme explica o autor, aqueles que aceitavam a catequização podiam receber certos privilégios dentro do sistema escravocrata, o que contribuiu para a supressão das práticas religiosas de matriz africana e dos povos originários.

No Brasil independente, uma nova fase da presença cristã se estabeleceu. Em 1824, foi criada a primeira comunidade protestante institucionalizada, formada por imigrantes alemães na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. O grupo era liderado por Friedrich Oswald Sauerbronn, reconhecido como o primeiro pastor luterano em toda a América Latina (Santos, 2017).

Ao longo dos séculos seguintes, o protestantismo se diversificou e se expandiu pelo território brasileiro, principalmente com a chegada de outras denominações e com o crescimento dos movimentos pentecostal e neopentecostal no século XX. Essa expansão consolidou o cristianismo evangélico como uma das principais expressões religiosas do país.

Atualmente, de acordo com o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 55,5% da população brasileira se identifica como preta ou parda.



Segundo um levantamento do Instituto de Pesquisa Datafolha (Folha, 2020), 59% das pessoas negras no Brasil são evangélicas. O que revela que a população negra constitui a maior parcela de membros das igrejas evangélicas.

Como motivação pessoal para o desenvolvimento deste produto, destaco que sempre estive vinculado à igreja evangélica Assembleia de Deus de Mato Grosso do Sul e comecei a questionar o motivo da aceitação de uma representação de Jesus como branco, mesmo quando muitas pessoas não têm essa visão embranquecida de Cristo. Além disso, observei que a liderança da denominação à qual pertenço é majoritariamente composta por homens brancos, o que na minha visão não representa a maioria dos fiéis, que são negros.

Essas reflexões pessoais serviram como ponto de partida para este estudo, pois busco compreender o motivo pelo qual jovens negros se identificam com o cristianismo e, se assim como eu, já questionaram a branquitude de Jesus e a predominância branca nas lideranças das principais igrejas evangélicas em nosso estado. Por meio de um podcast jornalístico, explorei não apenas as complexidades da identidade religiosa, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre as questões de representatividade de Jesus e a aceitação da negritude de Cristo em nossa sociedade.

Na série de podcasts *“Cristos, como Eu!”*, explorei a relação entre a identidade dos jovens negros evangélicos e sua conexão com o cristianismo no contexto do Mato Grosso do Sul. Esta escolha foi motivada por uma série de reflexões pessoais e observações que destacam a necessidade de compreender melhor a dinâmica entre a religião, a identidade étnico-racial e a representatividade no âmbito religioso.

Ao pesquisar sobre o assunto, observei que não é algo muito discutido no meio jornalístico e a população não questiona o culto a um Jesus branco. Ter sido criado em uma família cristã e seguir o cristianismo me fez questionar ao longo do tempo o motivo pelo qual as representações de Jesus são normalizadas, mesmo sabendo de sua origem. A imagem dele como branco foi aceita e perpetuada e parte dessa disseminação é responsabilidade da cultura de mídia.

A escolha do formato de podcast jornalístico para este estudo é motivada também pela necessidade de apresentar adequadamente a negritude dos jovens evangélicos de maneira aprofundada. Este formato permite abranger fontes especialistas que não residem no estado, mas também traduzir de forma mais eficaz os sentimentos de pertencimento e acolhimento pelo cristianismo que a emoção da voz pode expressar. Através da linguagem do rádio, onde iniciou-se as primeiras transmissões de evangelização, é possível transmitir não apenas



informações, mas também emoções e experiências de forma mais imersiva e impactante (Oliveira, 2015).

Em relação à temática do estudo, Vieira (2023) ressalta que a universalidade não é neutra, especialmente em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. A representação de Jesus como branco não apenas reflete essa cultura branca dominante, mas também perpetua a exclusão e a violência contra as comunidades negras. Através do podcast jornalístico, pretendo desafiar essa representação hegemônica e documentar as experiências e perspectivas dos jovens negros evangélicos, oferecendo um “espaço” para questionar e repensar concepções arraigadas sobre religião, identidade e representatividade. Afinal, como questiona o autor:

Afirmar a negritude de Jesus não reduz a universalidade do evangelho que deve ser para todos? Não é uma maneira de distinguir as pessoas? Mais uma vez, cabe lembrar que o Jesus branco não incomoda e traz esse tipo de questionamento. E aqui reside um ponto fundamental: a universalidade não é neutra. Numa sociedade racista, a pretensa universalidade esconde exclusão e violência. É uma igualdade falsa, que fica na palavra, mas não se verifica na realidade. É, portanto, a projeção da cultura branca como universal. (Vieira, 2023, p. 36)

Dessa forma, o podcast jornalístico não busca apenas registrar as experiências dos jovens, mas também quer ser, quando for exibido, uma ferramenta de resistência e de empoderamento, contribuindo para a promoção da diversidade e da inclusão dentro das comunidades religiosas e na sociedade como um todo. Acredito que compreender a perspectiva dos jovens negros em relação ao cristianismo, especialmente do segmento evangélico, e como eles encaram a representação de Jesus Cristo como branco, e se isso afeta sua relação com a religião, mostra-se fundamental como objeto de reflexão jornalística.

Diante desse cenário complexo e multifacetado, o objetivo foi contribuir para uma reflexão mais ampla sobre as questões de representatividade no cristianismo e sua influência na identidade dos jovens negros evangélicos em Mato Grosso do Sul. O podcast jornalístico pretende ser ferramenta para capturar as vozes e as experiências desses jovens, fornecendo percepções para compreender as dinâmicas religiosas e étnico-raciais em nossa sociedade contemporânea.

Piloto: [Apresentação do Podcast](#)

Ep 01: [Quem é Cristo?](#)

Ep 02: [Cristianismo e o Negro: A Relação Histórica do Pentecostalismo](#)



Ep 03:[Por que escolher Cristo?](#)



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Elaboração do pré-projeto;
- Pesquisa documental e bibliográfica;
- Pesquisa e seleção de fontes de acordo com o planejamento dos episódios;
- Criação de roteiro de perguntas para a realização das entrevistas;
- Realização das entrevistas e captação do material em formato de áudio e vídeo;
- Transcrição do material coletado;
- Decupagem e seleção dos trechos para utilização no podcast;
- Edição dos trechos de cada fonte;
- Escrita da primeira versão do roteiro da série de podcasts;
- Reuniões de alinhamento com o orientador;
- Edição e finalização do roteiro da série de podcasts;
- Gravação do off de cada episódio;
- Edição dos offs e adição das fontes;
- Finalização dos episódios;
- Produção do relatório final.

1.1 Execução:

Para alcançar o objetivo de desenvolver uma narrativa jornalística por meio de uma série de podcasts sobre a identificação dos jovens negros com as igrejas evangélicas de Mato Grosso do Sul, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o cenário das igrejas no estado, especificamente relacionadas à negritude, utilizando os dados disponíveis do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Essas pesquisas abrangeram dados sobre o número de jovens evangélicos no estado, considerando como “jovens” as faixas etárias entre 15 e 25 anos, em conformidade com os critérios estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O principal propósito foi reunir informações essenciais para fundamentar o tema proposto.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, foram realizadas entrevistas com os jovens Rafaella Teodoro, 25 anos, ministra de louvor na igreja Assembleia de Deus Sol de Justiça; Ana Carolina Inácio, 22 anos, ministra de louvor na Assembleia de Deus Missões em Campo Grande; Renata Fernandes, 20 anos, líder de Jovens na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Mato Grosso do Sul; e Pedro Simões, 20 anos, ministro de Louvor na Igreja Ouse.



Também entrevistei as fontes especializadas Magali do Nascimento Cunha, doutora em Ciências da Comunicação e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião, e o psicólogo e teólogo Jairo Carioca. As entrevistas foram gravadas com o auxílio de equipamentos de áudio e vídeo, posteriormente transcritas com apoio da ferramenta de inteligência artificial *Transcriptor* e decupadas. Com base nas entrevistas, foi produzido um roteiro para o podcast, que teve como objetivo explorar a relação entre a religião e a identidade negra.

A edição do podcast foi realizada com o software *Audacity*. Durante o processo de captação das entrevistas e das pesquisas, percebi uma proximidade entre a musicalidade afrodescendente e a pentecostal. Por isso, decidi trabalhar esse aspecto na vinheta que abre os episódios, criando um *mix* das músicas *Identidade*, de Anderson Freire, e *Identidade*, de Jorge Aragão, com a narração do nome do podcast, feita pela jornalista e radialista Karina Anunciato.

Após a finalização do podcast, foi produzido um relatório detalhado sobre o projeto, incluindo a metodologia utilizada, os resultados alcançados e as conclusões oriundas do processo de produção. O relatório foi elaborado com o objetivo de verificar se todos os objetivos propostos foram alcançados e identificar quaisquer aspectos que não foram realizados. Com a conclusão do projeto, o podcast foi finalizado e preparado para ser compartilhado com o público.

1.2 Dificuldades Encontradas

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo do processo jornalístico de imersão na construção da narrativa, mas a principal delas foi despir-me das crenças e da religiosidade que eu tinha. Percebi que existe um racismo estrutural dentro das igrejas e que a relação entre os negros e a fé em Cristo não é algo discutido ou abordado nesses espaços. Há um discurso de que tudo é conduzido pela vontade de Deus e pela inspiração do Espírito Santo, porém não há uma inclusão da teologia negra na estrutura de ensino da maioria das igrejas evangélicas.

Em diversos momentos, precisei interromper as pesquisas, as leituras e o aprofundamento no tema, pois me via em questionamentos profundos. Essa dificuldade foi ampliada pelo fato de não poder contar com minha família como rede de apoio, já que, em sua maioria, são evangélicos e não compreendem essas questões sociais que abrangem o Evangelho no qual seguimos e vivemos.



Destaco, contudo, a importância da compreensão da pluralidade do cristianismo, uma vez que existem diferentes formas de vivência da fé, o que leva a tantas divergências teológicas e doutrinárias. Ressalto, porém, que nenhuma dessas questões ou divergências me levaram a questionar minha fé ou o Deus a quem sirvo. Sei que todas essas discussões dizem respeito a situações e posicionamentos terrenos, e não sobre quem Ele é ou o que significa para a minha vida.

Como citado anteriormente, os desafios jornalísticos ocorreram, sobretudo, na seleção de fontes, pois eu não tinha conhecimento de estudiosos sobre o tema. Os dois especialistas apresentados nos episódios foram contatados por meio de indicações — uma pelo professor Marcos Paulo da Silva, meu orientador, e outra pela professora Rosângela Hilário, integrante da banca de avaliação. Já os jovens entrevistados foram selecionados criteriosamente, pois parte daqueles com quem conversei não possuía uma compreensão crítica sobre o assunto.

Outro ponto a ser destacado é que não consegui contato com os pastores presidentes das principais denominações do estado. Pastor Felipe Alencar, da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Mato Grosso do Sul, foi o único que respondeu para que fosse marcada a entrevista, mas não foi realizada. O Pastor Antonio Dionizio, presidente da Assembleia de Deus de Missões em Campo Grande, e o Pastor Gilson Breder, presidente da Primeira Igreja Batista, vieram a óbito durante a produção do podcast; já o Pastor Wilton Acosta, presidente da Sede Regional da Igreja Universal do Reino de Deus, foi contatado por meio da assessoria da igreja, mas não obteve-se resposta. Entende-se, entretanto, que as ausências mencionadas não comprometeram o resultado final da produção jornalística a partir dos objetivos previamente estabelecidos.

1.3 Objetivos Alcançados

Foram realizadas pesquisas bibliográficas que serviram de base para a construção do podcast jornalístico, tanto no que diz respeito à compreensão do formato quanto à definição da abordagem temática. O estudo sobre o podcast como linguagem jornalística possibilitou compreender suas potencialidades narrativas, o papel da escuta e a importância da sonoridade na mediação de histórias reais. Paralelamente, foram desenvolvidas pesquisas sobre a identificação de jovens negros com as igrejas evangélicas, o que proporcionou um



entendimento mais amplo e sensível sobre como a fé, a identidade racial e a vivência comunitária se entrelaçam nesse contexto.

Durante o processo, foram selecionadas fontes primárias e secundárias que contribuíram para o aprofundamento da discussão, incluindo jovens negros evangélicos e líderes religiosos que trouxeram relatos pessoais e experiências de fé, além de antropólogos, sociólogos e teólogos especializados no tema, que ofereceram reflexões teóricas e críticas. Essa combinação entre vivência e análise acadêmica permitiu a construção de um conteúdo jornalístico mais consistente, representativo e comprometido com a pluralidade das vozes negras no cristianismo brasileiro.

Foi finalmente desenvolvida uma narrativa jornalística, por meio de um podcast, sobre a identificação dos jovens negros com as igrejas evangélicas de Mato Grosso do Sul, explorando de forma delimitada as dimensões sociais (como pertencimento comunitário, relações de apoio e impactos da desigualdade racial), as dimensões culturais (como práticas musicais, linguagens, rituais e formas simbólicas de expressão da negritude dentro das igrejas) e as dimensões espirituais (como experiências subjetivas de fé, conversão e construção identitária cristã). Além disso, destacou-se o papel da comunicação como ferramenta de escuta, reconhecimento e valorização dessas experiências religiosas.



2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

A liberdade religiosa está consagrada na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 como direito fundamental e pressupõe um Estado laico, de modo que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (art. 5º, VI). Esse dispositivo reafirma que o poder público não deve estabelecer religião estatal ou dar tratamento privilegiado a uma fé específica, assegurando a pluralidade e o respeito às diversas opções de crença.

No contexto do estado de Mato Grosso do Sul, os dados mais recentes indicam que, dentre as pessoas com 10 anos ou mais que declararam fé, 763.096 se identificavam como evangélicas, representando parte significativa da composição religiosa na unidade federativa (IBGE, 2023). Ademais, ao observar a cor/raça dos adeptos, verificou-se que, por exemplo, 60.877 pessoas que se declararam pretas se identificaram como evangélicas no Censo de 2022.

2.1 Religião mais negra do Brasil

Este tópico busca elucidar de forma introdutória as dinâmicas sociais, culturais e religiosas que permeiam a relação entre as igrejas evangélicas e a comunidade negra brasileira, considerando preconceitos, transformações religiosas e desafios de representatividade, contextualizando que os negros brasileiros são majoritariamente evangélicos.

Segundo o Censo Demográfico de 2022, a população brasileira é composta majoritariamente por pessoas que se autodeclararam pardas (45,3%) e pretas (10,2%), formando juntas mais da metade dos habitantes do país (IBGE, 2023a). No mesmo levantamento, os evangélicos representam 26,9% da população com 10 anos ou mais, configurando-se como o segundo maior grupo religioso do Brasil (IBGE, 2023b). Quando cruzados os dados de religião com cor ou raça, observa-se que entre os evangélicos 49,1% se declaram pardos e 12% se declaram pretos, revelando uma presença expressiva da população negra no campo evangélico brasileiro (IBGE, 2023c). Esses números evidenciam que a comunidade negra, em sua maioria composta por pessoas pretas e pardas, possui forte inserção nas igrejas evangélicas, o que reforça a importância de compreender as dinâmicas sociais, culturais e religiosas que estruturam essa relação.



Segundo Oliveira (2015), há uma tendência nas igrejas evangélicas brasileiras de associar elementos culturais de matriz africana ao “maligno”, refletindo preconceitos enraizados e ignorando a riqueza cultural e histórica desses aspectos. Essa visão perpetua o preconceito e a marginalização dos aspectos culturais afro-brasileiros, que são parte intrínseca da identidade negra no país.

O escritor afirma que as religiões de matriz africana passaram por transformações significativas, perdendo sua atratividade para os negros brasileiros ao se distanciarem das camadas mais pobres da população e adotarem práticas elitistas e distantes da vida comunitária. Essas mudanças contribuíram para o encolhimento estatístico dessas religiões e para o aumento da presença negra nas igrejas pentecostais.

Nas igrejas pentecostais, os conflitos existentes entre as raças nas relações sociais no Brasil são tratados com distanciamento tal a ponto de caracterizar quem se aventura a refletir sobre o assunto como "subversivo", "desordeiro" e, o pior de tudo, "possesso" ou "endemoninhado". Afinal, pensar sobre racismo em um ambiente onde impera o mito da democracia racial como algo divino é uma afronta aos mais "santos" e "consagrados" (Oliveira, 2015, p 89).

De acordo com dados do IBGE de 2010 (*apud* Oliveira, 2015), o crescimento exponencial das igrejas pentecostais no Brasil é acompanhado pelo aumento significativo da presença negra nessas congregações. As estatísticas revelam que os negros são uma maioria expressiva entre os membros das igrejas pentecostais, destacando-se como protagonistas dessas comunidades religiosas.

Seria presunção afirmar que os negros religiosos do Brasil são pentecostais. Mas não se pode fazer vista grossa ao fato de que muitos negros estão participando ativamente das igrejas pentecostais. Dos 42.275.440 evangélicos no Brasil, 25.370.484 são membros das igrejas pentecostais (incluindo as denominações do pentecostalismo clássico e as igrejas neopentecostais). Deste grande número, 14.545.768 são negros (consideramos negras as populações determinadas como preta e parda pelo IBGE). Na realidade, a quantidade de negros na igreja pentecostal supera o número de pessoas brancas, que chega a 10.470.009 dos membros pentecostais. É um fato curioso perceber a quantidade de negros nas igrejas pentecostais, pois em porcentagem supera as outras religiões. Como exemplo, podemos tomar a Igreja Católica Apostólica Romana, que embora seja professada por um grande número de negros, guarda uma diferença intrigante: são 123.280.172 adeptos, sendo 60.189.864 brancos contra 61.412.489 negros. (Oliveira, 2015, p. 98).

Oliveira (2015) afirma que as igrejas evangélicas se estabeleceram no Brasil com o objetivo de alcançar as camadas mais pobres da população, o que, historicamente, inclui de maneira significativa a população negra. Contudo, segundo o autor, essas instituições muitas



vezes conduzem seus fiéis como se estivessem alheias às desigualdades que os atravessam, ignorando as estruturas de racismo que moldam a vida cotidiana dos negros brasileiros. Essa discussão ganha força quando observamos que, de acordo com o IBGE, as populações preta e parda, que juntas compõem a maioria da população do país, encontram-se concentradas majoritariamente nas classes sociais de menor renda, o que evidencia a sobreposição entre desigualdade racial e desigualdade socioeconômica.

Na mesma perspectiva, os dados indicam que essas mesmas parcelas da população também são maioria entre os grupos religiosos cristãos, especialmente entre os evangélicos, reforçando o argumento de Oliveira (2015) de que a atuação das igrejas precisa considerar de forma direta a realidade de seus fiéis. Assim, o autor propõe que, para contribuir efetivamente para a redução da desigualdade racial no Brasil, as igrejas evangélicas precisam reconhecer e enfrentar o racismo presente em suas estruturas e práticas, oferecendo uma educação religiosa livre de estereótipos e que valorize a história e a identidade negras como parte central da fé cristã e da formação bíblica.

Para que a Igreja brasileira possa contribuir de fato para a diminuição da desigualdade racial no Brasil, ela precisa oferecer uma educação religiosa desprovida de preconceitos e de racismo. Uma educação na qual os negros não sejam colocados sempre como os "coitados" que precisam da ajuda de brancos bondosos e paternalistas. Uma educação infantil que não enfatize o estigma de que o negro é inferior ou que tenha a cor do pecado. Que mostre a realidade dos negros como protagonistas de grandes histórias bíblicas. Que traga a consciência aos membros das igrejas sobre a vida de um Jesus que mais se parecia fisicamente com eles (os negros) do que com a figura produzida na mente de racistas, com olhos azuis, traços europeus e trajando vestes brancas. (Oliveira, 2015, p. 107).

A adoção de uma educação religiosa inclusiva e desprovida de preconceitos nas igrejas evangélicas brasileiras é essencial para promover a igualdade racial e valorizar a identidade negra. Conforme Oliveira (2015), essa transformação implica reconhecer a presença e a contribuição dos negros na história bíblica e cristã, desconstruindo estereótipos racistas e paternalistas. É necessário que as igrejas promovam uma visão de Jesus que ressoe mais autenticamente com as características e experiências das comunidades negras. Assim, as igrejas podem se tornar verdadeiros agentes de mudança, contribuindo para a superação das desigualdades raciais e fortalecendo a representatividade negra dentro e fora das congregações. Ao fazer isso, estarão não apenas cumprindo um papel espiritual, mas também um dever social crucial na luta contra o racismo e a marginalização.



2.2 Desconstrução da Figura de Jesus na Perspectiva Antirracista

A proposta de um Jesus negro não é apenas uma questão de representatividade, mas constitui uma oportunidade para repensar a figura de Cristo, que durante séculos foi manipulada e usada para a construção da branquitude, do imperialismo, do racismo e do genocídio (Vieira, 2023). Ao devolver Jesus ao lugar de libertador, radicalmente contrário a toda e qualquer forma de injustiça e sofrimento, estamos desafiando as narrativas eurocêntricas que o retrataram como um homem branco, distanciado das realidades das pessoas não brancas. Vieira (2023) destaca a manipulação histórica da figura de Jesus, que por séculos foi utilizada para a consolidação da branquitude, do imperialismo, do racismo e do genocídio.

Durante a conquista violenta do chamado “Novo Mundo”, a imagem do povo branco e europeu foi elevada como referência de humanidade, civilização e universalidade, enquanto os não brancos foram relegados à posição de “outro”, precisando ser ensinados, civilizados e dominados. Nesse contexto, a construção da figura de Jesus como um homem branco serviu para reforçar essas hierarquias e justificar a dominação e a exploração (Vieira, 2023).

Ao abordar a negritude de Jesus, Vieira (2023) destaca a conexão com as dores, lágrimas e esperanças do povo negro no Brasil, propondo uma reflexão sobre a relevância da origem étnica de Jesus para a compreensão da mensagem do evangelho:

Sendo um judeu da Palestina do século primeiro, se faz evidente que Jesus não foi branco. Contudo, a questão é mais profunda: há uma vinculação direta da experiência negra de Jesus com as dores, as lágrimas e as esperanças do povo negro no Brasil. Então é hora de retomar a questão bíblica: pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Pode vir alguma coisa boa do povo negro? Essa é a conexão urgente que precisa ser feita. Se Deus, na história, assumiu para si a condição dos oprimidos, então qual seria a condição de Deus em nosso país hoje? É algo que vai para além da cor da pele, não é um debate exclusivamente geográfico ou histórico. (Vieira, 2023, p. 31).

Afirmar a negritude de Jesus não é uma forma de distinguir as pessoas, mas de resgatar uma verdade esquecida e subjugada pelo racismo estrutural (Vieira, 2023). Enquanto o Jesus branco não incomoda ou questiona, o Jesus negro desafia as noções de universalidade branca, evidenciando que a universalidade não é neutra em uma sociedade racista, escondendo exclusão e violência.

Vieira (2023) questiona se o fato de afirmar a negritude de Jesus não é uma maneira de reivindicar a universalidade do evangelho para todos, destacando que a universalidade não é neutra em uma sociedade racista, pois pode esconder exclusão e violência. Ao rejeitar a ideia



de que a negritude de Jesus seja uma questão de ponto de vista ou conveniência, o autor argumenta que essa é uma questão central na interpretação bíblica, pois Jesus assume a condição negra como expressão de fidelidade ao projeto de Deus.

Ao explorar a negritude de Jesus, não estamos apenas reafirmando a identidade do povo negro, mas também confrontando o cristianismo institucional que se aliou ao processo de colonização e escravização do povo negro (Vieira, 2023). É necessário reconhecer que o evangelho autêntico não pode ser compatível com um cristianismo que justificou e participou centralmente de uma colonização racista e da exploração econômica do trabalho escravizado (Vieira, 2023).

Ao identificar Jesus como negro, resgatamos um testemunho original e genuíno do evangelho, comprometido com a justiça, a paz e a esperança (Vieira, 2023). Essa visão não apenas desafia as estruturas de poder e opressão, mas também oferece uma espiritualidade encarnada, engajada e politizada, com uma vocação à eternidade que transcende as limitações da história e da cultura humanas (Vieira, 2023).

O autor critica o cristianismo institucional por seu papel na colonização racista, escravocrata e patriarcal, destacando a participação central dessa instituição na opressão do povo negro e a necessidade de reconhecimento e reparação desse legado. Vieira (2023) enfatiza a importância de abordar a temática étnica e racial dentro das igrejas e instituições religiosas, bem como aumentar a representatividade negra na liderança e nas práticas religiosas, como parte do compromisso com a luta antirracista.

Portanto, o cristianismo que massacra culturas em nome de um projeto civilizatório, luxuoso, imponente acumulador de riquezas, entranhado nas estruturas de poder, colonizador, explorador e indiferente ao sofrimento dos empobrecidos é completamente incompatível com o testemunho mais original, genuíno e autêntico do evangelho. É necessário reconhecer que o cristianismo hegemônico institucional justificou e participou centralmente de uma colonização racista das Américas e da profunda exploração física e econômica do trabalho escravizado de milhões de africanos. Uma lógica perversa (Vieira, 2023, p. 117).

Entende-se que a propagação de um Jesus negro não é apenas uma questão de revisão histórica, mas um chamado urgente à transformação das práticas e estruturas do cristianismo contemporâneo. Ao reconhecer e enfrentar o legado racista e opressor que muitas vezes caracterizou a instituição religiosa, abre-se caminho para uma fé que realmente se alinhe com os princípios de justiça, igualdade e dignidade humana pregados no evangelho. Promovendo a representatividade e a liderança negra em suas comunidades. Somente assim, o cristianismo pode se desvencilhar de suas raízes colonialistas e se comprometer com a verdadeira



libertação e empoderamento dos oprimidos, oferecendo uma mensagem de esperança e redenção que ressoe profundamente com todas as culturas, etnias e trabalhos científicos.

2.3. Construção da identidade negra

A identidade negra foi historicamente construída em relação à branquitude dentro de um sistema colonial que impôs valores e hierarquias raciais. Fanon (2008, p. 15) descreve como a experiência negra é marcada pela ausência e pela negação da existência em espaços dominados por brancos. “O princípio no qual quem existe deixa de existir. E é com este princípio da ausência que espaços brancos são mantidos brancos, que por sua vez tornam a branquitude a norma nacional”.

Essa invisibilização forçada não apenas exclui pessoas negras dos espaços de poder, mas também as coloca em um dilema existencial sobre como se posicionar diante de uma sociedade que as define pela diferença e pela subalternidade. O processo de colonização não se deu apenas de maneira física e econômica, mas também psicológica. A dominação branca levou à construção de uma subjetividade negra fragmentada, onde o negro busca constantemente ser aceito dentro dos parâmetros da branquitude. Para Fanon (2008, p. 24):

O negro quer ser branco. O branco se empenha em atingir uma condição humana. Por mais penosa que possa nos parecer esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, existe apenas um destino. E ele é branco.

Isso demonstra como a branquitude foi imposta como ideal de humanidade, enquanto a negritude foi historicamente associada à ausência de civilização, cultura e valor. “No caso do negro, nada parecido. Ele não tem cultura, nem civilização, nem esse ‘longo passado histórico’” (Fanon, 2008, p. 48). Fanon (2008) argumenta que esse complexo leva negros a tentarem se “branquear”, seja por meio da ascensão social, seja na tentativa de apagar traços da própria identidade racial. Frisa o autor: “Então, sendo incapaz de pretejar, sendo incapaz de enegrecer o mundo, ela tentaria, em seu corpo e em seu pensamento, embranquece-lo” (Fanon, 2008, p. 61).

Essa busca por embranquecimento também se manifesta nos relacionamentos interpessoais, nos quais o casamento interracial pode ser visto como uma tentativa de ascender socialmente e se afastar da condição racial inferiorizada:

Para algumas pessoas de cor, o fato de se casar com uma pessoa da raça branca parece ter suplantado todas as outras considerações. Elas veem nisso uma forma de



alcançar a completa igualdade com essa raça ilustre, dona do mundo, dominadora das pessoas de cor. (Fanon, 2008, p. 86).

Fanon (2008) também descreve como o negro assume uma identidade dividida, agindo de forma diferente dependendo do contexto racial em que está inserido. “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro se comporta de modo diverso com um branco e com outro negro” (Fanon, 2008, p. 31). Essa cisão psicológica é consequência direta da experiência colonialista e da tentativa de adaptação a uma sociedade que o rejeita. Ao mesmo tempo, o autor aponta como essa alienação pode levar a reações emocionais intensas ao entrar em contato com sociedades brancas. Isso se dá porque o negro internaliza a ideia de que a metrópole colonial é o centro do saber e do progresso, reforçando o complexo de inferioridade. Complementa Fanon (2008, p. 37):

O negro que ingressa na França muda porque, para ele, a metrópole representa o tabernáculo; muda não apenas porque foi de lá que lhe vieram Montesquieu, Rousseau e Voltaire, mas porque é de lá que lhe vêm os médicos, os chefes de departamento, os incontáveis pequenos potentados.

Apesar desse quadro de opressão e alienação, Fanon (2008) também aponta caminhos de resistência. A reconstrução da identidade negra passa pelo rompimento com os arquétipos raciais impostos pelo colonialismo: “mas fora dos círculos universitários subsiste um exército de imbecis: o importante não é educá-los, e sim levar o negro a não ser escravo de seus arquétipos” (Fanon, 2008, p. 49).

A valorização da cultura negra e a rejeição da necessidade de validação branca são passos fundamentais para a libertação. Fanon (2008, p. 60) descreve um novo tipo de consciência negra que não busca se submeter à lógica colonial, mas reivindicar sua humanidade e identidade própria: “sou negro, corporifico uma fusão plena com o mundo, uma compreensão simpática da terra, uma perda do meu eu no âmago do cosmos”.

A teoria fanoniana nos ajuda a compreender como o racismo estrutural não apenas marginaliza corpos negros, mas também condiciona sua subjetividade e suas relações sociais. O desejo de embranquecimento, a alienação racial e a dupla consciência são elementos centrais dessa experiência, mas Fanon (2008) também aponta para possibilidades de ressignificação da identidade negra. O desafio, portanto, é romper com essa lógica colonial e afirmar a negritude em seus próprios termos, sem a necessidade de validação branca. Esse processo não é apenas individual, mas coletivo, exigindo transformações estruturais na sociedade para que a identidade negra possa ser reconhecida em sua plenitude.



2.4 Formato

2.4.1 Podcast, o que é?

O podcast pode ser definido como uma formato de áudio vinculado a uma plataforma na qual o público-alvo poderá acessar a qualquer momento (*on-demand*), possibilitando um consumo em contrapartida às mídias convencionais (rádio e televisão), que preveem horários e dias específicos para o acesso à programação e sem que a mesma possa ser acessada novamente. Segundo Falcão e Temer (2019), a palavra podcast é uma junção dos termos “pod”, do dispositivo *iPod*, da *Apple*, cuja sigla significa “*personal on demand*”, ou “pessoal sob demanda”, e “cast”, oriundo de *broadcast*, ou “transmissão”. Os autores definem a implementação do formato como uma maneira de facilitar o acesso do ouvinte/internauta.

Segundo Primo (2005), o podcast vai além de uma simples emissão sonora; o formato cria uma plataforma interativa, onde ouvintes e produtores podem trocar ideias e gerar um novo tipo de participação e engajamento. Essa característica aproxima o podcast mais da cibercultura e menos do modelo tradicional de rádio.

Ao analisar o fenômeno do podcast como uma extensão digital do rádio, Kischinhevsky (2008) tensiona as categorias tradicionais de comunicação e permite novas formas de jornalismo narrativo, especialmente com sua flexibilidade em consumo *on-demand* e distribuição via plataformas digitais. Essas definições mostram que o podcast não é apenas um produto radiofônico, mas uma ferramenta que amplia as possibilidades de interação e de produção descentralizada de conteúdo sonoro, criando novas formas de comunicação e envolvimento.

Além de sua natureza *on-demand*, o podcast destaca-se por alcance e diversidade de formatos: pesquisas recentes indicam que o Brasil tem dezenas de milhões de ouvintes de podcast (aproximadamente 31,9 milhões segundo a PodPesquisa 2024/2025), com 40,2% dos ouvintes declarando consumo diário e forte preferência por conteúdo local em português; os gêneros mais ouvidos são notícias e entretenimento, enquanto as plataformas mais utilizadas são Spotify (≈49,7%) e YouTube (≈25,6%), sendo o próprio YouTube apontado como canal principal de descoberta por grande parte dos ouvintes brasileiros — fatos que evidenciam tanto o potencial de engajamento do formato quanto a relevância de incorporar recursos multimodais (videocast) quando pertinente ao projeto



2.4.2 Podcast como formato jornalístico

Segundo Kischinhevsky (2008), o podcast tem potencial para ser um veículo de jornalismo narrativo, permitindo que narrativas mais longas e aprofundadas sejam desenvolvidas de maneira flexível e acessível. O autor argumenta que o podcast facilita a criação de reportagens investigativas e análises críticas de forma mais detalhada do que no rádio tradicional, justamente por não estar limitado ao tempo de transmissão ao vivo. Esse formato possibilita a abordagem de temas que podem estar à margem da cobertura midiática convencional, sendo uma ferramenta importante para o jornalismo independente.

O podcast, no entanto, pode ser interpretado como uma plataforma que mistura o jornalismo tradicional com narrativas pessoais, o que cria uma conexão íntima com o público. O formato permite a inserção de vozes individuais e histórias que não se encaixam nas pautas da grande mídia, promovendo uma nova forma de engajamento e transparência jornalística (Lindgren, 2016). O formato oriundo do movimento norte-americano se popularizou no Brasil durante a pandemia de Covid-19, ou seja, o confinamento da população estimulou o consumo e desde então estudos sobre o podcast têm ganhado uma relevância crescente (Reis; Ribeiro, 2021).

O podcast tem se consolidado como uma das principais expressões do jornalismo contemporâneo, tensionando os limites entre o rádio tradicional e as novas mídias digitais. Para Kischinhevsky *et al.* (2020), o *podcasting* “tenciona categorizações” e se torna um objeto autônomo de estudo na comunicação sonora, por misturar elementos do rádio, da mídia sob demanda e das plataformas digitais. O formato não se restringe a uma simples reprodução do rádio em ambiente online, mas representa uma reconfiguração da prática comunicacional, com novas possibilidades narrativas, estéticas e editoriais.

Segundo os autores, a prática do *podcasting* deve ser compreendida dentro de um ecossistema midiático em constante transformação, no qual a convergência tecnológica e a personalização do consumo permitem ao ouvinte uma relação mais íntima e interativa com o conteúdo. O podcast rompe com a linearidade da programação radiofônica tradicional e valoriza a escuta individualizada, criando um ambiente de proximidade e identificação. Nesse sentido, o formato se torna terreno fértil para o desenvolvimento de narrativas jornalísticas de caráter interpretativo, documental e identitário, aproximando-se do ideal de um jornalismo mais reflexivo e humano (Kischinhevsky *et al.*, 2020).

Em consonância com essa perspectiva, Bufarah Jr. e Lopez (2022) analisam o podcast como um formato jornalístico dotado de identidade editorial e acústica próprias. Em um



estudo sobre o programa “123 Segundos”, os autores demonstram que o podcast informativo é estruturado por escolhas estéticas e editoriais que expressam valores jornalísticos específicos, evidenciando que cada produção sonora carrega um projeto discursivo e comunicacional singular. Essas identidades editoriais e sonoras se manifestam na seleção de temas, na condução das entrevistas, na montagem sonora, na duração dos episódios e até mesmo no tom das vozes — elementos que ajudam a construir uma marca de credibilidade e pertencimento junto ao público (Bufarah Jr.; Lopez, 2022).

Desse modo, o podcast jornalístico pode ser compreendido como um espaço de mediação social, que permite a expressão de múltiplas vozes e perspectivas. Ele amplia a noção de jornalismo ao valorizar o tempo da escuta e ao promover novas formas de engajamento e subjetividade na recepção. Tal característica é especialmente significativa quando se considera o uso do formato por igrejas evangélicas e comunidades religiosas, que têm adotado o podcast como veículo de informação, formação espiritual e construção de identidade. Nesses casos, a dimensão jornalística do formato — pautada pela apuração, contextualização e narrativa — se mistura à função educativa e testemunhal, contribuindo para a circulação de discursos de fé e para a constituição de comunidades simbólicas.

Finalmente, quando se observa o uso do podcast por jovens negros cristãos, essas características ganham ainda mais relevância. A possibilidade de construir narrativas próprias, com vozes que representam realidades e experiências historicamente marginalizadas, aproxima o podcast do ideal de um jornalismo comprometido com a diversidade e com a inclusão. A identidade editorial assume, então, uma função política: é por meio dela que se afirmam modos de existência, crenças e pertencimentos que dialogam com a negritude e a espiritualidade. Assim, compreender o podcast enquanto formato jornalístico, segundo Kischinhevsky *et al.* (2020) e Bufarah Jr. e Lopez (2022), significa reconhecer sua capacidade de articular informação, identidade e afeto. O podcast não apenas informa, mas também forma comunidades, mobiliza sentidos e produz reconhecimento social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do podcast “*Cristos, como eu!*” possibilitou compreender de forma mais profunda as múltiplas relações entre fé, identidade e comunicação na vivência de jovens negros evangélicos. Ao amplificar vozes historicamente silenciadas dentro e fora das igrejas, o projeto contribuiu para o fortalecimento do debate sobre representatividade racial e enfrentamento do racismo estrutural nas instituições cristãs, em especial nas denominações pentecostais. O processo de produção, que envolveu pesquisa jornalística, entrevistas e construção narrativa, mostrou que a comunicação sonora é capaz de produzir conhecimento sensível e crítico, ao mesmo tempo em que acolhe experiências humanas diversas.

A escolha do formato podcast revelou-se acertada, pois une linguagem jornalística, emoção e oralidade — elementos centrais nas tradições cristã e afro-brasileira. O podcast, enquanto formato jornalístico, permitiu uma escuta ativa e empática, aproximando o público das histórias de fé e identidade dos entrevistados. Além de atingir o campo acadêmico, a produção também dialoga com a comunidade religiosa, provocando reflexão sobre como as igrejas têm lidado com temas como racismo, diversidade e representatividade. A narrativa sonora se mostrou, portanto, uma ferramenta potente de democratização da comunicação e de valorização das vozes negras no contexto da fé cristã.

Ao concluir o projeto experimental, é possível afirmar que muitos jovens negros escolhem o cristianismo na vertente evangélica por se sentirem livres para expressar a adoração com o corpo, a voz e a emoção. Para esses jovens, a experiência de fé ultrapassa os limites das doutrinas e dos dogmas, tornando-se espaço de acolhimento, pertencimento e resistência. Há, também, uma identificação simbólica entre as suas trajetórias e a vida de Jesus Cristo, especialmente na figura de um Cristo que sofre, que enfrenta a marginalização, mas que também representa força, vitória e redenção.

Em relação à cor da pele de Jesus, a pesquisa revelou que muitos reconhecem a construção eurocentrada dessa imagem ao longo da história, utilizada para atender à cultura ocidental e branca. Entretanto, para os entrevistados, essa representação não é determinante para a fé, pois seguir a Cristo vai além da aparência física: é vivenciar seus ensinamentos, reconhecer seu amor e compreender que Ele se solidarizou com os oprimidos. Nesse sentido, Jesus é percebido como alguém que abraçou a humanidade em toda a sua diversidade, inclusive a negritude, morrendo como marginalizado, mas ressuscitando como o Rei dos Reis.

Dessa forma, o trabalho cumpre seu propósito formativo e social ao utilizar o jornalismo como instrumento de transformação, reconhecimento e fé. O podcast “*Cristos,*



como eu!” reafirma que comunicar é também um ato político e espiritual, capaz de gerar pertencimento, reconstruir narrativas e promover diálogo entre a fé e a luta por igualdade racial. Ao dar protagonismo a jovens negros cristãos, o projeto contribui para um jornalismo mais humano e plural, comprometido com a escuta, a empatia e a justiça social.



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPod). *PodPesquisa 2024/2025*. 2024. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL.pdf. Acesso em: 29 nov. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 out. 2025.

BUFARAH JR., Á.; LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo e identidade editorial em podcasts informativos: um estudo de caso do 123 Segundos**. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6545>. Acesso em: 30 out. 2025.

¹BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity*. Harvard University Press, 1971; MACMULLEN, Ramsay. *Christianizing the Roman Empire*. Yale University Press, 1984.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FALCÃO, B. M.; TEMER, A.C.R.P. **O podcast como gênero jornalístico**. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2019. p. 1–14. <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>

FOLHA de S.Paulo. **Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra**, aponta Datafolha. 2020, 13 de janeiro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml> Acesso em: 22 abr. 2024.

IBGE. Censo 2022: Pela primeira vez desde 1991, **a maior parte da população do Brasil se declara parda**. 2023, 22 de dezembro. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 22 abr. 2024.

IBGE. Censo Demográfico 2022: **características gerais da população**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023a.

IBGE. Censo Demográfico 2022: **religião e características da população**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023b.

IBGE. Censo Demográfico 2022: **distribuição dos grupos religiosos por cor ou raça**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023c.

IRINEU, J. *et al.* **História da Reforma Protestante**, 2012.



KISCHINHEVSKY, M. **A geração podcasting e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento.** Revista Famecos, Mídia, Cultura e Tecnologia, n. 37, 2008.

KISCHINHEVSKY, M. et al. **Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos.** Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 11, n.1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333>.

LINDGREN, M. **Personal Narrative Journalism and Podcasting.** The Radio Journal – International Studies in Broadcast and Audio Media, v. 14, n. 1, 2016.

MARQUES, A. H. O.. **História de Portugal.** Lisboa: Palas Editores, 2010

MELO, C. T. V. de; GOMES, I. M.; MORAIS, W. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, MS, setembro de 2001. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. São Paulo: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf> 2001. Acesso em 02 mai, 2024

MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; KORNIS, M. A. (Orgs.). **História do Documentário.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

NOROFÉ, A. R. B.; ANDRADE, M. T. R. O Cristianismo como Religião do Império Romano e a Sociedade Contemporânea. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 36, p. 17-34, 2022. Disponível em: <https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2463>. Acesso em 18 abr, 2024

OLIVEIRA, M. D. **A religião mais negra do Brasil.** Minas Gerais: Editora Ultimato. 2015.

PRIMO, A. (2005). **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting.**

REIS, A. I.; RIBEIRO, F. **Os novos territórios do podcast.** Comunicação Pública, Lisboa, v.16, n. 31, p. 1–7, 2021.

SANTOS, D. A. S. GT 14 – Religiões e religiosidades: vivências religiosas na contemporaneidade. "Reforma 500 anos: o protestantismo no Brasil ontem e hoje". **XVI Semana de Pós-Graduação de Ciências Sociais**, UNESP Araraquara, 25 a 29 de setembro de 2017.

SPOTIFY. **Culture Next 2024 (relatório sobre tendências de consumo, videocasts e comportamento da Geração Z).** 2024. (relatos e sínteses em veículos especializados). Disponível em reportagens e resumo de imprensa. Acesso em: 29 nov. 2025.

TADEU, A. **História da Colonização e Impacto Religioso.** São Paulo: Editora Acadêmica, 2022.



TELA VIVA. **“YouTube é a principal plataforma para a descoberta de podcasts no Brasil, diz pesquisa”** (resumo do relatório Edison Research). São Paulo: Tela Viva, 2025. Disponível em:

<https://telaviva.com.br/27/06/2025/youtube-e-a-principal-plataforma-para-a-descoberta-de-podcasts-no-brasil-diz-pesquisa/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

VELASQUES, P.; MENDONÇA, A. G. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

VIEIRA, H. **Jesus Negro: O grito antirracista da bíblia**. 1.ed. São Paulo: Editora Planeta, 2023



5. APÊNDICES

5.1. Roteiro para Podcast

Piloto

Então disse Deus:

“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.

Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra, e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão.”

Criou Deus o homem à sua imagem;
à imagem de Deus o criou.

No primeiro capítulo de Gênesis, está escrito que, ao criar o homem, Deus o fez à sua imagem e semelhança. Algumas linhas teológicas afirmam que, na expressão “façamos”, estão contidos o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Mas será que todo mundo se enxerga como semelhança de Cristo?

É sobre esse tema que falaremos no podcast jornalístico **Cristo 's, como eu**.

Eu sou Felipe Arguelho — jornalista em formação, homem negro retinto, de 21 anos e criado na igreja. Meu pai sempre disse que eu era polêmico. Sempre questionei os sistemas da igreja, com a pessoa de Jesus Cristo, não foi diferente.

Sou descendente de pessoas escravizadas e de paraguaios que fugiram da guerra. Nunca consegui me ver nas representações de Cristo: nos filmes, nas pinturas e nos altares.

Talvez o fato de a linha evangélica em que fui criado não cultivar imagens tenha dificultado discussões mais profundas sobre isso.

Então, durante toda a minha vida, o que eu não consegui discutir nos cultos, nas reuniões da mocidade, na escola bíblica dominical ou com meus pais, que são pastores, eu trago agora neste podcast Jornalístico — que também é o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Entre a juventude negra e cristianismo no Brasil, especialmente no contexto evangélico, é essencial abordar dois princípios constitucionais fundamentais sobre a religião: o Estado laico e a pluralidade religiosa. O princípio da laicidade do Estado, previsto no artigo 19, inciso I da Constituição Federal de 1988, estabelece que o Brasil não possui uma religião oficial e não pode promover, subvencionar ou embaraçar o funcionamento de confissões religiosas.

Isso garante que o Estado mantenha uma postura de neutralidade diante das diferentes manifestações religiosas, criando um ambiente institucional onde a fé é compreendida como uma escolha individual, livre de coerção ou favorecimento estatal. Mesmo o Estado não tendo uma religião, os brasileiros tem!

Outro princípio constitucional relevante é o da pluralidade religiosa, implícito na liberdade de crença e de culto assegurada pelo artigo 5º, inciso VI, da Constituição. Esse princípio reconhece o Brasil como



um país diverso em suas expressões religiosas e garante a todos o direito de professar livremente suas crenças, praticar seus cultos e organizar suas comunidades religiosas.

No contexto da juventude negra evangélica, a pluralidade religiosa assume um papel importante ao legitimar tanto sua escolha por uma fé específica quanto sua permanência em um espaço religioso que, historicamente, foi também um lugar de resistência e acolhimento.

Para falar sobre as representações de Jesus, eu conversei com jovens e especialistas sobre as identificações presentes no cristianismo.

Entendi que, mais importante do que a aparência — e sim, vamos falar sobre o embranquecimento da imagem de Jesus — é quem Ele é pra nós, jovens negros. O que ele representa nas nossas vidas, em uma série de três episódios.

Este é um Trabalho de Conclusão do Curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tem a orientação do professor Marcos Paulo da Silva — homem branco, mas que respeita a negritude... e a carrega, inclusive, no seu sobrenome: Silva.



Episódio 1 - Quem é Cristo?

[ABERTURA]

vinheta

A gente não segue Jesus porque Ele falava bonito, mas porque Ele fazia bonito: acolhia as margens, acolhia os esquecidos. Se quisermos que um jovem negro tenha outra perspectiva identitária que não a do homem branco, precisamos construir lideranças negras fortes. Assim como Martin Luther King, Malcolm X, Mano Brown, Ariel Valdo Ramos. A representatividade transforma a referência.

[OFF]

Fala, povo! Bem-vindos ao nosso podcast **Cristo 's, como eu!**

A identidade é um elemento essencial na vida de qualquer pessoa. Mas o que nos leva a nos identificarmos com algo ou alguém?

A forma como nos vemos e nos identificamos está diretamente ligada ao ambiente em que crescemos, às narrativas que nos cercam e, para muitos, à fé que professamos. Dentro do cristianismo, a figura de Jesus Cristo sempre esteve no centro dessa construção identitária. Mas será que todos enxergam o mesmo Jesus? Há diferenças na forma como cristãos negros e brancos criam essa identificação?

A população parda agora é maioria no Brasil. Segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 102,7 milhões de brasileiros se autodeclararam pardos — isso representa 47% da população. Os brancos aparecem em segundo lugar, com 43,5% (cerca de 94 milhões), e os pretos somam 10,2% (aproximadamente 21,8 milhões). Esse resultado consolida um marco histórico: pela primeira vez desde 1991, os pardos superaram os brancos no país. Além disso, a população preta apresentou crescimento expressivo, aumentando cerca de 42% em 12 anos.

Em Mato Grosso do Sul, o cenário acompanha essa tendência. O estado agora tem maioria parda: são 47,3% dos sul-mato-grossenses (cerca de 1,34 milhão de pessoas). Os brancos representam 42% (aproximadamente 1,19 milhão), e os pretos somam 6,6% (em torno de 187 mil). Cidades como Ladário e Corguinho se destacam, com os maiores percentuais de população parda e preta, respectivamente. Já em relação à religião, os dados atualizados mostram que os evangélicos representam 26,9% da população brasileira, o que equivale a cerca de 47 milhões de pessoas — muitos deles são negros e moradores de periferias urbanas. É o retrato de um Brasil em transformação identitária e religiosa.

O filósofo pan-africanista e anti-colonialista Franz Fanon, nascido na colônia francesa da Martinica e um dos expoentes do pensamento social sobre o racismo anti-negro, em seu livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”, nos lembra que a identidade negra foi historicamente construída em relação à branquitude. Essa imposição colonial também moldou a forma como Cristo foi historicamente



representado. Afinal, a imagem de um Jesus europeu, branco e de olhos claros não se encaixa na realidade de um judeu da Palestina do século I.

Mas, então, nós pessoas negras não somos imagem e semelhança de Cristo? Ou ele não possui a aparência que nos foi descrita desde o primeiro dia em que entramos em nossas igrejas?

Nesse episódio vamos discutir como essa construção identitária foi moldada ao longo do tempo e como ela impacta na fé e no pertencimento étnico-racial de jovens negros fiéis.

É indiscutível a sensação de pertencimento que a religião produz nos seus adeptos e com o cristianismo não é diferente. Para falar sobre esta temática entrevistei jovens como Ana Carolina Inacio de 22 anos, vendedora de Automóveis e ministra de louvor na Assembleia de Deus Missões em Campo Grande, mulher negra de cabelos cacheados com algumas luzes e olhos verdes, que nos descreve sua relação com Cristo.

[TRECHO DA ENTREVISTA - ANA CAROLINA] 0:39

"Cristo, pra mim, talvez uma definição seria tudo. Porque Cristo é meu Pai, Cristo é meu amigo, Cristo é meu protetor. Ele me acolhe quando eu preciso, Ele é calma quando tudo tá turbulento. Quando me sinto insegura, Cristo está na frente e tudo se acalma."

[OFF]

Não é incomum para nós cristãos e evangélicos vemos Jesus como nosso amigo, afinal, seu discípulo João escreve que no princípio ele era o verbo, que o verbo estava com Deus e que o verbo era Deus. Me recordo de cultos em que mulheres gritavam “meu amigo Jesus, tu és o meu Senhor”.

[VER A POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO DE EFEITO SONORO COM ESSE TIPO DE GRITO]

Renata Fernandes, de 20 anos, líder de jovens na Assembleia de Deus de Mato Grosso do Sul, mulher negra retinta, de cabelos crespos e sorriso largo, explicou que a identificação com cristo também é algo racional.

[TRECHO DA ENTREVISTA - RENATA] 0:19

"Cristo é o meu amigo, mas antes disso, Ele é o meu Senhor. Saber que Ele é o único caminho já anula todas as outras possibilidades. Porque se eu sei que Cristo é o único caminho que me leva a Deus, não tenho porque eu não segui-Lo. Até de uma forma racional, tem como fazer essa escolha para mim."



No Brasil, as mulheres como Renata e Ana Carolina são maioria nas igrejas cristãs — especialmente nas evangélicas. Segundo o Censo 2022 do IBGE, as mulheres representam cerca de **58,2%** da população evangélica no país. Dados do Instituto Datafolha reforçam essa tendência de predominância feminina. Quando cruzamos esses números com o recorte racial, destacamos um grupo fundamental, mas muitas vezes invisibilizado: as mulheres negras evangélicas, que representam uma parcela significativa das fiéis e ocupam papel central nas comunidades, apesar de ainda enfrentarem barreiras de visibilidade e liderança.

Essas mulheres ocupam os bancos das igrejas, lideram grupos de oração, organizam eventos, educam os filhos na fé. Elas estão na base que sustenta o cotidiano religioso das comunidades, mesmo que os púlpitos sejam majoritariamente masculinos. Em muitas casas, são elas as responsáveis por transmitir valores cristãos — e também valores ligados à autoestima e à resistência racial.

A construção da identidade de filhos e filhas negras passa, portanto, por essa interseção entre raça, gênero e fé. Uma mãe negra evangélica pode ensinar que “o cabelo crespo é bênção de Deus”, ou que “Deus está ao lado dos humilhados”. Essas frases, mais do que declarações religiosas, são afirmações de valor e pertencimento. Nelas, a fé é ferramenta de resistência contra o racismo estrutural e o machismo — ainda que isso nem sempre seja reconhecido pelas próprias instituições religiosas.

[OFF]

No entanto, o sentimento de acolhimento para muitos pode não ser instantâneo. Pedro Simões, de 21 anos, estudante de Direito e ministro de louvor da igreja Ouse, homem negro, com os olhos cor de mel e alguns cachos no topo da cabeça, explica que a chave para identificação, está na relação transcendental com Jesus.

[TRECHO DA ENTREVISTA - PEDRO] 02:39- 03:30/ 0:51

"Eu criei sempre, por conta da minha criação. Eu nasci inverso-cristão e meus pais sempre me apresentaram essa ideia do nosso Deus, do nosso Cristo. E eu sempre me identifiquei, sempre foi algo que eu gostei, mas nem sempre eu vivi ele. Eu fui viver verdadeiramente, me situar na minha fé mesmo, depois de um tempo, depois de um longo tempo. Eu falo que ali era minha fase de infância, criança, não tem muita aquela questão, mas quando eu entrei na minha fase da adolescência, que é onde você começa a ter contato com mais pessoas, você começa a ter contato com outras realidades, com outras culturas, com outras... com pessoas de vivência diferente da sua, você começa a se questionar de muitas outras coisas, até mesmo da sua religião."

[OFF]

Porém, no livro “Jesus Negro, um grito antirracista da Bíblia”, o pastor batista Henrique Vieira, também sociólogo, historiador e teólogo, nos alerta que a manipulação histórica da figura de Jesus Cristo foi usada para justificar dominação e exploração. Por outro lado, a figura de um Cristo negro, como defendida pelo pastor, resgata a identificação com aqueles que historicamente foram marginalizados.



Rafaela Teodoro, mulher negra de 25 anos e de cabelos crespos escuros definidos, ministra de louvor na Igreja Assembleia de Deus Sol da Justiça e estudante de jornalismo, destaca que sua experiência com o cristianismo foi marcada pela busca por aceitação e amor, e que Jesus Cristo se tornou uma figura central em sua vida. Ela ressalta que, ao olhar para Cristo e para as histórias que compartilha, vê uma conexão profunda entre a mensagem de Jesus e a experiência de ser uma pessoa negra no Brasil, encontrando identificação e propósito em sua fé.

[TRECHO DA ENTREVISTA - RAFAELA] 12:45-14:39/1:54

Pra mim, a palavra fala que no princípio era o verbo e o verbo era Deus e o verbo se fez carne e habitou entre nós. Pra mim, Eu resumiria pra uma pessoa que eu não pudesse aprofundar, eu diria que pra mim, Cristo é a manifestação do amor de Deus. Para mim, Cristo é a manifestação do amor. Seria o amor à carne. É a forma mais... É que não tem como explicar, mas é a forma mais real do amor. Porque pra mim, hoje, vejo que as pessoas falam muito, ah, o amor não é um sentimento, o amor é uma decisão. Ah, não, o amor é um sentimento, o amor é isso, o amor é aquilo. Pra mim, o amor é Cristo, Cristo é o amor. E é isso, a partir do momento que eu olho pra Cristo e vejo Cristo como amor, eu vejo o sentido de todas essas coisas que eu disse antes e o sentido do cristianismo, que vai na contramão de qualquer exclusão, na contramão de qualquer, qualquer doutrina simplesmente, meramente humana, que a gente queira colocar como sombra de Deus. Cristo, no caso, ele é muito mais, mais do que aquela, a própria Bíblia fala, né, tudo que vocês viram foi apenas um reflexo, apenas como uma sombra, mas Cristo, ele é a revelação de tudo, ele é o algo mais, ele é a escritura em sua Eu não vou conseguir falar a palavra, mas é aquilo para que tudo aquilo inicial, ainda com falhas, ainda com questões assim que, a partir de alguns homens, realmente apontava para o objetivo principal, o amor.

Jairo Carioca de Oliveira, psicanalista e bacharel em Teologia, explica que o processo de identificação entre os negros o cristianismo no Brasil começou após a abolição da escravidão, no final do século XIX. Naquele contexto histórico, as mulheres negras ficaram em seus locais de escravização para ser amas de leite e os homens negros foram despejados, colocados nas ruas sem qualquer suporte; ou direito adicional

[TRECHO DA ENTREVISTA - JAIRO] 38:33- 39:27/ 0:54

“O homem negro, cada vez mais exclusão, cada vez mais o morticídio. Para onde os homens vão? Para onde esses homens negros vão? Vão para a cachaça, filho. Vão para as drogas, vão para a cachaça, vão para esse lugar. E eu estou falando para vocês de 1888. Em 1910, em 1910, dois missionários suecos vêm para o Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren, para a igreja batista que aqui estavam. E a partir daí nasce o primeiro movimento pentecostal no Brasil, conhecido como Assembleia de Deus e Nação, de Belém do Pará. Um ano depois, uma mulher chamada Fátima, acho que é Fátima ou Francisca, não me lembro agora, irmã da Celina de Albuquerque, em menos de um ano leva isso pro Ceará. Ou seja, o segundo estado a



receber a Assembleia de Deus é o Ceará, em menos de um ano.

[OFF]

Jairo Carioca também afirma que a psicanálise trabalha com o conceito de desidentificação - isto é, o processo de questionar e desconstruir as identidades preexistentes, permitindo que o indivíduo se reconheça e se redescubra de forma mais autêntica. Esse processo visa libertar o sujeito das amarras de uma identidade rígida e pré-concebida, possibilitando uma maior flexibilidade e adaptação às mudanças da vida, mas pressupõe uma identidade pré-existente.

No caso de indivíduos marginalizados, como os negros no Brasil, que tiveram sua identidade imposta e não puderam desenvolver uma identidade própria, a psicanálise tradicional pode ser insuficiente ou inadequada. Nesses casos, mostra-se necessária a criação de um ambiente para a formação e afirmação de uma identidade própria antes de aplicar a desidentificação, espaço ocupado historicamente pelas igrejas.

De acordo com o psicanalista, a verdadeira transformação identitária começa com a admiração e a representatividade. Jairo Carioca ainda destaca que, em termos psicanalíticos, os processos de identificação podem começar a partir da noção de inveja.

[TRECHO DA ENTREVISTA - JAIRO] 1:12:45- 1:14:58/2:13

"A identificação surge a partir da inveja. Você olha e fala: 'Era isso que eu queria ser.' A inveja sublimada se torna admiração, e só através da admiração sincera ela se transforma em identidade. A gente não segue Jesus porque Ele falava bonito, mas porque Ele fazia bonito: acolhia as margens, acolhia os esquecidos. Se quisermos que um jovem negro tenha outra perspectiva identitária que não a do homem branco, precisamos construir lideranças negras fortes. Assim como Martin Luther King, Malcolm X, Mano Brown, Ariel Valdo Ramos. A representatividade transforma a referência.

[OFF]

Muitos jovens veem o evangelho de forma romantizada, como se fosse apenas um ideal distante, um conto bonito sobre amor e bondade. Mas seguir Jesus não é só admirar palavras doces — é se comprometer com o gesto concreto, com a prática radical do amor. Jesus não conquistava pela oratória, mas pela ação: Ele abraçava os esquecidos, caminhava ao lado dos marginalizados, tocava quem ninguém queria tocar. Para que a juventude negra encontre no evangelho uma identidade viva, precisamos de referências que os inspirem a existir plenamente.

A construção da identidade racial e religiosa de muitos jovens negros começa dentro de casa. Os pais — muitas vezes evangélicos — são os primeiros a dizer que Deus criou seus filhos à sua imagem e semelhança. Nesse processo, fé e raça se entrelaçam. Para alguns, a igreja reforça esse acolhimento. Para outros, ela também pode ser um espaço de conflito, especialmente quando silencia questões raciais.



Mas, sem dúvida, a influência dos pais é decisiva: é com eles que começa o aprendizado sobre quem se é — diante de Deus e do mundo.

É assim que a história da fé se inscreve na vida — desde a infância, passando por descobertas, rupturas e reconciliações. Como conta Rafaela Teodoro, tudo começou em meio às tensões da vida familiar.

[TRECHO DA ENTREVISTA - RAFAELA] 07:05-9:45/ 2:40

a minha história com o cristianismo começou bastante cedo. Começou quando eu tinha lá uns 4 ou 5 anos. A minha mãe, quando eu era criança bem pequena, ela não era evangélica, quando eu era mais nova. Então, era assim, minha mãe não era evangélica, meu pai não era evangélico, a família no geral não era. E eu tenho três irmãos, né? E o irmão mais velho começou a ir com a minha vizinha pra igreja. E a minha casa, assim, digamos que não era exatamente aquela paz, né? Era um pouco bagunçada algumas questões, principalmente da parte do meu pai. E quando o meu irmão ia pra igreja, ele sentia, assim, que a coisa mudava, assim, no ambiente. E ele começou a querer frequentar mais e mais, aí ele começou a chamar minha mãe. E a minha mãe, ela já tinha no passado vivido a experiência no cristianismo, porque meu avô, meu avô sim era cristão. Na verdade, meu avô já foi de tudo quanto é religião, né? E ele ensinou pra ela vários princípios do cristianismo que ela já carregava. Alguns e outros não. E nessa, meu irmão foi chamando um irmão e outro irmão, ainda tudo criancinha, até que minha mãe foi. Meu pai não, mas minha mãe sim. E nisso, a minha mãe, ela sempre deu liberdade pra gente, pra gente ir pra onde a gente quisesse, mas quando criança, ali, andar com ela, né? Enquanto criança, vai entender ali os princípios daquilo que estava inserido, daquilo que a gente tá fazendo, mas ela nunca barrou de conhecer outras religiões, de conhecer outros entendimentos, e ela, do contrário, né? Ela ensinava pra gente, olha, isso aqui vem daqui, esse aqui é assim, mas ela fundamentou muito bem essa nossa fé. E quando chegou ali na minha adolescência, minha mãe se afastou do cristianismo e foi nessa fase da minha vida que eu vi que realmente era ali que eu queria estar, que realmente era uma coisa minha, porque eu tinha dúvida se era minha ou se eu tava indo por causa da minha mãe, né? E quando chegou nessa fase foi que eu vi que realmente era meu, era meu mesmo, era onde eu queria estar, onde eu me sentia bem, e desde então, eu continuo, chegamos até aqui, né? Encontrei meu esposo, quando eu encontrei ele, quando a gente era amigo ainda, ele também não era evangélico, aí eu fui falando de Deus pra ele, fui falando do evangelho, do cristianismo, fui... Com o passar do tempo, ele também passou a ser cristão, depois de uns dois anos, foi nesse tempo que a gente começou a namorar e hoje a gente vive um casamento cristão. E acho que eu resolvi bem.

[OFF]

Com o tempo, Rafaela percebeu que a fé que aprendeu em casa era, de fato, sua. E hoje, ela vive esse mesmo cristianismo em família — ao lado do esposo, também convertido. Já para Ana Carolina Inácio, o caminho foi direto: nascida em berço evangélico, ela escolheu permanecer.



[TRECHO DA ENTREVISTA - CAROL] 1:37-2:50/1:13

Então Cristo é simplesmente tudo. É a definição de paz, calma, de paternidade, de amizade e de companheirismo. Assim, na verdade, eu comecei a andar com Cristo e a estar na presença de Cristo através da minha família. Então eu venho de um berço cristão. onde desde sempre eu fui ensinada a amar a Cristo acima de todas as coisas amar a Deus acima de todas as coisas mas eu escolhi continuar eu tenho irmãos que escolheram não continuar mas também foram criados ali de certa forma também na casa de Deus e eu escolhi continuar porque eu acredito num Deus que sempre Ele sempre manteve a minha família em pé e tirou a minha família talvez de um lugar que hoje nós não estaríamos orgulhosos. Então eu escolhi viver com Cristo, porque viver com Ele é muito melhor do que viver para o mundo e com o mundo. Eu entendi que as coisas na minha vida só iriam andar se eu continuasse vivendo com Cristo. Foi isso que eu fiz. Foi essa a decisão que tomei.

Duas trajetórias diferentes, mas que se encontram num ponto comum: a escolha de viver uma fé que começa no lar — e que se fortalece no caminho, na verdade e na vida.

Não esqueça de seguir o *Cristo 's, como eu* no Spotify e nas redes sociais.

Compartilhe esse episódio com aquele amigo que sempre pergunta por que você “ainda é crente”.
Porque agora você já tem argumento — e testemunho.

É isso aí, e no próximo episódio, vamos falar sobre a relação entre o cristianismo e a população negra no Brasil. Como o pentecostalismo se tornou a religião mais negra do país? E quais são os desafios dessa identidade dentro da fé evangélica? Não perca!



Episódio 2 - Cristianismo e o Negro: A Relação Histórica

[ABERTURA]

A mediatização da religião, ela interfere sim, ela promove transformações na vivência de fé. Em primeiro lugar, colocando a imagem, que é um valor muito forte da midiatização, como uma lógica importante para a construção da relação religiosa com o divino, com o sagrado. Então, essa ideia da exposição da imagem e de uma plástica, de uma estética, isso nos espaços celebrativos, o culto, a missa, os espaços vivenciados em terreiros, isso vai ter uma experiência marcadamente imagética, por conta dos registros, da exposição, e também a ideia de concorrência dos espaços, aquilo que é mais visível, o que é menos visível, que são valores trabalhados no processo de midiatização

Fala, povo! Voltamos com mais um episódio do nosso podcast jornalístico Cristo 's, como eu. Aqui é Felipe Arguelho — jornalista em formação, homem negro retinto, de 21 anos e idealizador deste projeto

[OFF]

Quando pensamos na presença negra no cristianismo, muitos ainda associam a fé evangélica ao conservadorismo branco. Mas a realidade nas periferias brasileiras é outra: hoje, cerca de 58% dos evangélicos no Brasil se declaram pretos ou pardos, segundo o Censo 2022 do IBGE. Esse perfil se deve, em grande parte, ao crescimento expressivo das igrejas pentecostais e neopentecostais nas últimas décadas, especialmente nas periferias urbanas, onde essas comunidades têm desempenhado papel central não apenas religioso, mas também social e de acolhimento.

Essas igrejas chegaram onde o Estado nunca chegou: oferecendo apoio espiritual, emocional, e até material. Pastores e obreiros foram mais rápidos e mais presentes que qualquer política pública — e, com isso, tornaram o evangelho algo tangível, possível e próximo.

Mas afinal, por que essa adesão foi tão forte?

E o que faz com que milhões de negros e negras se identifiquem com o pentecostalismo até hoje? É sobre isso que vamos conversar neste episódio. Para começar, vamos ouvir quem vive isso na pele, no coração e na fé.

A Rafaela Teodoro, mulher negra de 25 anos e de cabelos crespos escuros definidos, ministra de louvor na Igreja Assembleia de Deus Sol da Justiça e estudante de jornalismo, explica o que Cristo representa para ela. E a partir disso, entende por que sua fé se alinha tanto com a vivência pentecostal.

[TRECHO DA ENTREVISTA - RAFAELA]:21:25-23:29/2:04

" Total. Tudo, tudo, tudo, tudo pra mim tem alguma relação com a minha fé. Porque quando... Porque quando eu me posiciono como uma pessoa cristã que segue a Bíblia, eu acabo me posicionando também com aquela parte do... Renuncio a mim mesmo e agora já não vivo, mas Cristo vive em mim. E quando eu parto pra esse princípio de Cristo vive em mim, pra mim, tudo



da minha vida antes é a vontade de Deus. Antes vai prevalecer o que Cristo faria, né? Tem até essa pergunta. O que Cristo faria nesse momento? E todas as minhas decisões são moldadas desse modo. Inclusive, a Bíblia fala sempre sobre a gente pedir as coisas pra Deus, que a gente deve pedir sim, que ele tem pra dar. Mas ela também fala Tiago, se não me engano, que a gente pede e às vezes a gente não recebe, porque a gente pede mal. Aí a gente olha que esse pedir mal é relacionado à vontade de Deus. Não que Deus nos tenha feito como robôs, mas Ele nos deu o princípio, até para o nosso bem. E às vezes a gente quer pedir coisas que não vão nos fazer bem. Então, eu sempre dou essa prioridade para Cristo. Falou, Deus, fora da tua vontade. Se tá de acordo com a Bíblia, porque às vezes a gente fala, como vai ser a vontade de Deus? Será que ele vai chegar aqui e vai falar, é isso aí. A Bíblia, né, ela expressa a vontade de Deus para nossas vidas. Então, eu sempre procuro andar com isso alinhado. E isso é pra tudo, até pra alimentação. Eu tenho essa discussão, né, que no meio pentecostal a alimentação é bagunçar e tudo mais. Não é bem assim. É porque a Bíblia, ela instruiu quanto a tudo. Tudo, tudo, tudo. Deixa eu fechar aqui. Os passarinhos estão fazendo escândalo. A Bíblia, ela tem instrução quanto a tudo. Quanto à forma de vestir, quanto à forma de se alimentar, quanto à forma de falar. Então, eu sigo todos. É óbvio, né? A gente tropeça muito, mas eu busco seguir todos esses princípios. Então, ela me guia em cada ato da minha vida. Desde os gerais, quanto as coisas mais específicas.."

[OFF]

Esse amor é encarnado, vivido, sentido — que guia sua identificação com a fé pentecostal. Mas não é só doutrina. É também expressão, vivência intensa e autenticidade

[TRECHO DA ENTREVISTA - RAFAELA] 20:13-21:19/1:06

Pra mim, por dois motivos. Primeiro, porque eu acredito, igual falei, eu acredito muito na Bíblia. Pra mim não tem que se focar em religião. Pra mim é a Bíblia. E quando eu pesquisei, tipo, tudo que eu já olhei de religião, até então, o protestantismo foi o que mais chegou ali perto do que eu acredito, do que eu sinto. E quando se trata da linha pentecostal em si, pra mim, é a questão de tudo que eu sinto também. O que eu sinto, o que eu vivo, a intensidade que eu sinto, a forma de me expressar, eu me identifico mais com essa linha. Não que as outras estejam certas ou erradas. Acredito, inclusive, que há coisas que, na minha opinião, existem interpretações equivocadas, se trata do meio pentecostal. Porém, é o mais próximo do que eu entendo ali, por verdades, de acordo com o que eu sinto. E aí eu falo, não é nem questão espiritual, não é nem questão histórica, é questão de sentimento mesmo. O que eu sinto tem mais a ver com isso. E é isso.

[OFF]

Essa experiência de fé intensa que Rafaela compartilha tem raízes históricas profundas. O pentecostalismo chegou ao Brasil em 1910, trazido por missionários suecos. Mas logo encontrou nas camadas mais pobres — e sobretudo na população negra — terreno fértil.



Enquanto o catolicismo oficial ainda mantinha estruturas elitistas e eurocêntricas, as igrejas pentecostais abraçaram a oralidade, o corpo, o improvisado e o carisma. Elementos que dialogam profundamente com a tradição afrodescendente.

Não à toa, muitos autores como Regina Novaes, Marcos Davi de Oliveira, Paul Gilroy, entre outros, dizem que o culto pentecostal é o espaço onde o corpo negro pode dançar, chorar, gritar — e ser ouvido como sujeito espiritual

E o mais interessante é como a Rafaela percebe que, apesar das limitações históricas e das marcas do racismo dentro do próprio cristianismo, sua vivência pentecostal é também uma forma de protesto.

[TRECHO DA ENTREVISTA - RAFAELA] 29:25-32:42/3:05

Não estamos limitados a isso. É quase que um protesto. Já ouvi histórias, né, que quando chegou aqui, veio pentecostal, principalmente da Assembleia de Deus, da história do Daniel Berg, do Nerving, chegava e fazia os cultos, e os negros tinham que ficar lá no fundo e tal, e pra mim, até se a história é real, os negros lá no fundo já estavam em um protesto, até porque a história do cristianismo não começa com Daniel Berg, começa com Cristo, e hora nenhuma Cristo manda que os negros ficassem de fora, ficassem no fundo, então pra mim quando a gente se limita a ficar em uma determinada religião, porque essa é uma religião afro, a gente tá Tudo bem você querer ficar ali na sua origem, você querer ficar ali onde você começou, e ok, beleza. Mas acho que a gente precisa entender mais do que isso. Independente de onde eu comecei, eu comecei como cristã. Mas eu posso conhecer ali, eu posso conhecer aqui, eu posso conhecer diferentes culturas, mas a que eu vou permanecer, ela não depende da minha cor. E pra mim, o negro pentecostal, O negro periférico, que é cristão protestante, ele se expressa indo na contramão do mundo, indo na contramão, inclusive, do racismo. Porque, como eu falei, o racismo, ele deixou marcas em todas as áreas, em várias, várias áreas, inclusive no cristianismo. E a gente entende que, sim, esse lugar também é nosso. Porque cristianismo não tem cor. Cristianismo, ele não tem cor. Então, essa é a forma que a gente se expressa, batendo de frente com o que um dia o homem determinou, e vivendo aquilo que realmente Cristo ensinou. Porque Cristo era totalmente contrário à exceção de pessoa, Cristo era totalmente contrário a... Cara, Cristo andava com mulheres numa época onde a mulher era tratada como um bicho. Então a gente vê que Cristo estava totalmente na contramão desse negócio de você aqui e eu ali. Não era assim. Quando fala sobre ser a diferença no mundo, do mundo, ele não fala de cor, de raça ou algo do tipo. Então, ele tá falando ali de princípios, que é o que a gente busca seguir. Então, quando eu olho pra isso, a nossa forma de expressão é não aceitar ficar em um determinado local, porque você me disse que eu tenho que ser esse local. Não é assim. Não é assim. Não é porque eu sou negra que eu sou obrigada a usar ou deixar de usar trança, não é porque eu sou negra que eu sou obrigada a usar ou deixar de usar determinado estilo de roupa. E, se eu quiser, bem, se eu não quiser, amém também, porque não é algo que tá... não é algo que eu tô indo... não é tipo eu ir lutando, militando contra a cota, não, não tô fazendo isso, não tô militando contra algo que é do negro por direito, inclusive a gente não tá militando contra a religião, seja lá qual for, a gente não tá militando contra religião alguma, a gente tá vivendo o cristianismo, e é isso.



[OFF]

A fala da Rafaela aponta para um paradoxo vivido por milhões de negros evangélicos: Ao mesmo tempo em que buscam se conectar com o divino, precisam enfrentar o racismo presente dentro das próprias igrejas.

Nos Estados Unidos, durante grande parte do século XX, os negros foram submetidos a um rígido sistema de segregação racial que os impedia de compartilhar os mesmos espaços que os brancos até mesmo nas igrejas. Essa realidade violenta e excludente deu origem ao movimento dos direitos civis na década de 1950, liderado por figuras como Martin Luther King Jr., pastor batista e ativista que defendia a luta não violenta como caminho para a justiça. King denunciava não só a segregação explícita das leis, mas também a hipocrisia de igrejas cristãs que pregavam o amor ao próximo, mas mantinham barreiras raciais em seus cultos e comunidades.

Ao afirmar que “a injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar”, King convocava os cristãos a reconhecerem que a verdadeira fé cristã exige inclusão, igualdade e compromisso com a dignidade humana, mostrando que a igreja também precisava se tornar um espaço de resistência e transformação social.

Mas de acordo com o pastor e teólogo Marco Davi de Oliveira, que, em seu livro *A Religião Mais Negra do Brasil* (2015), muitas lideranças pentecostais ainda evitam discutir racismo sob o argumento de que “em Cristo somos todos iguais”. Porém, na prática, quem ocupa os púlpitos, quem aparece na mídia, quem define as doutrinas... continua sendo majoritariamente branco.

Mesmo assim, negros como a estudante de jornalismo, Rafaela seguem reafirmando sua fé — e ocupando esses espaços, por vezes, na contramão da estrutura

[OFF]

Ana Carolina inacio de 22 anos, vendedora de Automóveis e ministra de louvor na Assembleia de Deus Missões em Campo Grande, mulher negra de cabelos cacheados com algumas luzes e olhos verdes, reforça isso com um argumento que muita gente compartilha: a identificação com os dons espirituais, como está escrito em Romanos 12, e na primeira carta de Coríntios 12, e a herança familiar da fé pentecostal.

[TRECHO DA ENTREVISTA - CAROL] 01:38

Eu escolhi o pentecostalismo como minha vivência cristã porque eu acredito nos dons espirituais que vai relatar lá em Romanos 12 e primeira Coríntios 12 também se não me engano. E também a doutrina doutrina familiar que é de onde eu vim. Minha família também sempre acreditou nessa mesma vivência, então acredito que isso foi uma grande influência também

[OFF]



A vivência de Ana Carolina mostra outro traço comum entre evangélicos negros: a transmissão geracional da fé pentecostal. Muitas famílias negras encontraram nas Assembleias de Deus ou na Congregação Cristã um refúgio contra a violência, o alcoolismo e a desestrutura social.

A partir da década de 1960, com o avanço das migrações internas e o acelerado processo de urbanização (em 1970, o Brasil já era majoritariamente urbano, com 56% da população vivendo em cidades, segundo o IBGE), as igrejas evangélicas começaram a se multiplicar nos bairros periféricos — locais onde o Estado era ausente, mas a fé se fazia presente. Entre 1980 e 2000, a população evangélica no país dobrou, passando de cerca de 6,6% para 15,4% do total, concentrando seu crescimento justamente em áreas urbanas de maior vulnerabilidade social.

Pesquisas como o Mapa das Religiões (FGV, 2011) e estudos do Instituto de Estudos da Religião mostram que as igrejas se tornaram importantes redes de apoio comunitário, oferecendo não só a experiência espiritual, mas também suporte social e afetivo aos migrantes recém-chegados às periferias.

Já Pedro Simões, de 21 anos, estudante de Direito e ministro de louvor da igreja Ouse, homem negro, com os olhos cor de mel e alguns cachos no topo da cabeça, traz um olhar mais crítico sobre as classificações religiosas. Ele conta como, ao mudar o nome de sua igreja, se deparou com o desejo de ir além da categoria “evangélico” e abraçar o termo “comunidade cristã”

[TRECHO DA ENTREVISTA - PEDRO] 41-29- 43:13/ 1:44

Sim, eu acho bem legal isso porque foi esse mesmo questionamento que eu fiz nessa mudança. Principalmente quando a gente mudou de nome, que a gente desvinculou da da Mato Grosso do Sul, que a gente virou a igreja Ouse. Lá você não vai ver a igreja evangélica Ouse. Hoje nós somos uma comunidade cristã, uma igreja. Acabou. Ali a gente não fala que a gente é evangélico. A gente não fala que a gente é, vamos supor, como os católicos usam, nós somos católicos. Assim como tem igrejas evangélicas que pautam, eu sou evangélico. Assim como tem igrejas evangélicas que falam, eu sou da igreja evangélica pentecostal. Porque o pentecostal, ele já muda tudo. Ou eu sou de uma igreja neopentecostal. Eu vivi isso. Então, tipo assim, eu acho que é a forma estrutural de cada igreja se identificar, entendeu? A forma como cada pessoa vai se identificar. Eu acho interessante partir do seguinte pensamento, se você for falar da igreja universal, Ela vai englobar a PT Costal, a Neo-PT Costal, as que se identificam só como cristã, a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Católica também. Se engloba nisso. A Igreja Universal de Cristo. O que é a Igreja Universal de Cristo? Todas elas acreditam em Cristo. Só que nem todas entendem Cristo como eu entendo Cristo ou como você entende Cristo. E aí, qual quem tá certo? Qual parte do princípio? Eu acho que o princípio não parte de quem tá certo, mas de quem tá errado. Parte do seguinte, eu me identifico com qual Cristo? Não tem como falar, aí, aquele Cristo é o certo. Mas será que a gente consegue comparar.

[OFF]

O evangelismo no Brasil se manifesta em diferentes linhas que refletem a diversidade social e cultural do país. As igrejas **históricas**, como as presbiterianas, batistas e metodistas, chegaram no século XIX e



focaram na educação, na racionalidade da fé e em uma ética protestante clássica. Já as igrejas **pentecostais**, que se expandiram no século XX (como Assembleia de Deus e Congregação Cristã), priorizam experiências espirituais intensas, manifestações de dons e forte apelo emocional, atraindo sobretudo as populações periféricas. Nos anos 1970 em diante, surgem as **neopentecostais**, como Igreja Universal do Reino de Deus, que enfatizam a teologia da prosperidade, a guerra espiritual e a relação direta entre fé e conquista material. Essas correntes convivem e disputam espaços no cenário religioso, revelando um evangelismo multifacetado que vai do conservadorismo ético ao pragmatismo mercadológico, ao mesmo tempo em que constrói redes de pertencimento e poder simbólico em diferentes segmentos sociais.

Nesse contexto, um ponto que chama a atenção é quando Pedro relata o conflito entre a estética musical das igrejas e a espiritualidade real das pessoas:

[TRECHO DA ENTREVISTA - PEDRO] 1:05:38- 1:06:46/1:18

Cara, começamos tudo, eu comecei a levar muito louvor mais atual. Aí foi bem na época que estourou aquela música lá do... Lindo, lindo, lindo é... E aquela lá também do... Ó, quão lindo esse nome é... Cara, são músicas lindas. Ah, mas uma fala você e a outra é muito jovem. Aí o líder da banda olhou pra mim e falou assim... Não, Pedro, porque suas músicas são bonitas, mas não dá pra você cantar aqui. Por que? Porque não me ensinou. Porque a gente é igreja e apontou pra placa. A gente é igreja evangélica, a gente é neopentecostal. A gente tem que cantar corinho de fogo. Tem que cantar música que a gente gosta. Por que o crente gosta? Eu sou crente, eu gosto de Deus. Da palavra dEle, eu gosto do amor dEle, eu gosto de escutar música sobre Ele. Cara, a igreja não é só feita de corinho de fogo. Tem pessoas que gostam, mas tem pessoas que não gostam. Eu olhei pra cara dele e poderia ter falado tudo isso. Eu fiz assim. Tá bom. Vamos cantar o corinho de fogo. Canta aí, corinho de fogo

[OFF]

A fala de Pedro revela uma tensão contemporânea: as mudanças estéticas e culturais dentro das igrejas negras. De um lado, há quem queira preservar a “tradição” — os hinos antigos, o culto com estrutura mais rígida, a “doutrina”.

De outro, uma juventude negra que deseja expressar sua fé com elementos da sua realidade: o rap, o funk, o samba e o tambor. É nessa disputa entre o tradicional e o contemporâneo, entre o “corinho de fogo” e o trap gospel, que se desenha o futuro do cristianismo negro.

Para entender esses dilemas contemporâneos da religião, ouvimos Magali do Nascimento Cunha, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião, que analisa como o fundamentalismo e a mediatização da fé moldam os valores cristãos — principalmente entre os jovens.

[TRECHO DA ENTREVISTA - MAGALI] 4:20-5:35/ 1:15

Os fundamentalismos religiosos constroem uma figura do Cristo muito restrita a questões de natureza conservadora, do ponto de vista dos costumes, um Cristo muito controlador, uma ideia de Deus, muito do controle do corpo, do controle das relações. Isso afeta muito os jovens e os valores cristãos que esses jovens vão



estabelecer. Essa ideia de inimigos, a ideia de combate a inimigos, que é muito própria dos fundamentalismos. Então, essas pessoas são formadas a identificarem opositores e não tanto a ideia de amar o outro, o próximo, compreender o diferente. O diferente é sempre visto, pelo viés fundamentalista, como uma ameaça. Então, há uma formação por um viés fundamentalista de uma parcela da juventude,

[OFF]

Magali também destaca como a fé, hoje, é fortemente impactada pela lógica da imagem, da exposição e do consumo

[TRECHO DA ENTREVISTA - MAGALI] 6:30- 8:55/2:25

A mediatização da religião, ela interfere sim, ela promove transformações na vivência de fé. Em primeiro lugar, colocando a imagem, que é um valor muito forte da mediatização, como uma lógica importante para a construção da relação religiosa com o divino, com o sagrado. Então, essa ideia da exposição da imagem e de uma plástica, de uma estética, isso nos espaços celebrativos, o culto, a missa, os espaços vivenciados em terreiros, isso vai ter uma experiência marcadamente imagética, por conta dos registros, da exposição, e também a ideia de concorrência dos espaços, aquilo que é mais visível, o que é menos visível, que são valores trabalhados no processo de mediatização. São muitas intercorrências aí, a questão mercadológica, o corpo, que é uma mídia, que precisa ser colocada como algo de uma concorrência, que vai ser identificado, vivenciado, assimilado em processos. Então, de fato, a gente tem a vivência da fé muito relacionada a uma exposição, uma visibilidade, não tanto uma imersão num grupo, uma imersão comunitária. E aí entra o caráter do individualismo também, muito forte, que o processo de mediatização estimula. Então, a experiência individual falando muito mais forte do que uma experiência mais comunitária. E isso é um outro elemento que marca os processos de mediatização e que interferem na forma como jovens e também jovens negros podem vivenciar a fé

[OFF]

A professora Magali Cunha analisa como o fundamentalismo religioso aliado à lógica das redes sociais tem mudado uma fé cada vez mais performativa. A exposição da fé na internet muitas vezes se dá em moldes espetaculares: Testemunhos extremos, milagres ao vivo, discipuladores com storytelling cinematográfico.

Para os jovens negros, isso pode ser tanto uma porta quanto uma armadilha. Afinal, ser cristão e negro em rede exige administrar duas pressões: a da visibilidade e a da ortodoxia.

Quem fecha esse mosaico é o teólogo e psicanalista Jairo Carioca, que promove um mergulho histórico. Ele nos lembra que não existe um único cristianismo, mas sim cristianismos, com expressões múltiplas e diversas.



[TRECHO DA ENTREVISTA - JAIRO] 3:38- 10:32/7:06

A primeira camada é a ideia do senso comum de se falar cristianismo, como se fosse uma coisa homogênea. Não existe cristianismo, existem cristianismos, que são vários movimentos. Os mais comuns, você tem o catolicismo de um lado, você tem o protestantismo do outro. Ambos são cristianismo. mas o catolicismo com as suas nuances e o protestantismo com as suas outras nuances. E quando a gente vai para uma amplidão maior, a gente precisa ir para o campo histórico para entender o que é isso que a gente chama de cristianismo. Então, o que comumente chama-se de cristianismo é um movimento que pouco a pouco foi se homogeneizando e foi se tornando hegemonia, foi se tornando hegemônico. Esse é um ponto. Então assim, cristianismo sempre é plural. Cristianismos. Outra questão também é entender os evangélicos, porque se torna também os evangélicos como um bloco único. Mas a gente tem, dentro disso que se chama evangélicos, a gente tem pastor Evaldo Ramos, que é um pastor batista negro, líder do movimento do cristianismo quilombola, do cristianismo negro, amigo do Lula. O primeiro a visitar o Lula quando o Lula foi preso foi o pastor Evaldo Ramos, foi quem fez o famoso sermão no ato da prisão do Lula para acalmar os militantes, foi o pastor Evaldo Ramos. A gente tem o pastor Henrique Vieira, que é um pastor evangélico, extremamente progressista. A gente tem o pastor Hermes C. Fernandes, que é um amigo querido, extremamente progressista, que compra a briga do público LGBTQIA +. O pastor Hermes C. Fernandes está nas redes sociais com 2 mil processos em cima dele, porque ele compra a briga com gente poderosa, como o pessoal da família dos Valadões. A família dos Malafaias. A gente tem o pastor Ricardo Gondim, em São Paulo, que faz um trabalho excelente com a igreja de Bethesda e que tem um trabalho também de inclusão. Então, assim, quando a gente fala em evangélico, a gente não pode colocar E. Valdo Ramos e Silas Malafaia no mesmo lugar. Não dá. Entendeu? Então, o que é evangélico? O que é isso que chama-se? Então, assim, esses lugares não são monoblocos. Na verdade, há uma disputa de narrativas, há uma disputa de poder. Tem disputas nesses lugares. Então, cristianismo é plural. Primeiro ponto. Evangélico é plural. E dissidentes, inclusive. Porque eu venho de um movimento que é o movimento oriundo da teologia da libertação. Então, olhar sobre a questão teológica. Eu venho das lutas pela terra, das lutas pelo pão. Eu venho do mesmo lugar que Paulo Freire, que era um teólogo da libertação. A maioria só conhece Paulo Freire como educador, mas Paulo Freire era um teólogo da libertação. Paulo Freire, quando sair do Brasil, vai ser acolhido pelo movimento mundial de igrejas, pelo Conselho Mundial de Igrejas na Suíça, o Conselho Mundial de Igrejas, que acolhe o Paulo Freire para que a ditadura não matasse ele. Entendeu? Eu venho de um lugar em que Leonardo Boff é da Teologia da Libertação, Hélio Pellegrini é da Teologia da Libertação, Frei Betto é da Teologia da Libertação, Rubem Alves é da Teologia da Educação, educador. No período da anistia, Rubem Alves vai se instituir como professor de filosofia da Unicamp e vai se tornar um dos maiores pensadores da educação do Brasil. O Rubem Alves. E quem era o Rubem Alves? Um pastor predeterminado que, ao assumir uma posição política, é excluído da Igreja Presbiteriana. Então, tem um grupo de pessoas dentro desse movimento que não faz parte dos blocos hegemônicos. Então, pensar nessas questões é sempre pensar em campos plurais, polifônicos. Hoje a gente tem um movimento de mulheres teólogas muito grande, inclusive, começando com Lina Boff. Lina Boff, irmã do Leonardo Boff, tem um movimento plural de mulheres dentro do campo da teologia, inclusive com teólogas que fazem uma nova leitura e interpretação da



Bíblia a partir desse ponto de vista. Então, esse é o primeiro ponto que eu queria falar para vocês. Quando for escrever sobre cristianismo, é cristianismos. Quando for falar sobre evangélicos, é plural. O que é isso que a gente chama? Dá para colocar um conservador e um progressista no mesmo bloco? Não dá. Entendeu? Então, em geral, para fazer a distinção, eu não chamo Silas e essa turma de evangélicos. Eu chamo de fundamentalistas, conservadores. Aí você já faz a distinção. Outra coisa também, Felipe, é pensar que o conservadorismo e o fundamentalismo só estão presentes na igreja evangélica. aí a gente ignora, por exemplo, o movimento do Canção Nova, que é dentro da Igreja Católica e que arrebatava aí uma multidão de pessoas dentro do movimento do Bolsonaro, do movimento fascista, padres que inclusive perseguiram o padre Júlio Lancelotti, Júlio teve agora envolvido uma série de A própria Canção Nova precisou vir a público e dizer que não tinha nenhum trabalho contra. Tem um movimento católico que é extremamente conservador. Normalmente está ligado ao movimento carismático, que é muito similar ao movimento pentecostal. aquele movimento de cura e tal. Então tem um movimento católico também extremamente conservador e fundamentalista. É por isso que eu não digo os evangélicos. Eu digo, olha, os religiosos, fundamentalistas e conservadores, das quais algumas igrejas, algumas correntes neopentecostais e católicas. Ambos estão ali juntos. Quando, em 2010, Dilma propôs o projeto Escola Sem Homofobia, um bloco de deputados religiosos se fechou para breca essa lei. Entre eles havia católicos e evangélicos.

[OFF]

E é justamente nesse plural que nasce a força das Assembleias de Deus entre os negros. Jairo nos leva de volta ao início do século XX para mostrar como as igrejas pentecostais deram dignidade, nome, respeito e papel social aos homens negros, num Brasil que tentava exterminá-los pelo racismo científico e pelas políticas eugênicas.

[TRECHO DA ENTREVISTA - JAIRO] 38:39- 43:39/ 5:00

"As Assembleias de Deus se tornaram a religião mais negra do Brasil porque deram aos homens negros um lugar na sociedade. Muitos aprenderam a ler na Bíblia, receberam um título, um espaço dentro da igreja, uma comunidade onde eram respeitados. Isso fez toda a diferença."

E a partir daí, a Assembleia se alastra no Nordeste inteiro. Em 1910, em 1911, a Assembleia já estava presente, um ano depois, em mais da metade dos estados do Brasil. Olha o que eu falei com vocês. O que aconteceu em 1911? Lá em Londres, um projeto de extermínio do homem. Mas o que acontece também? Nasceram as Assembleias de Deus no Brasil. Certo? Anota esse dado aí. Nasceram as Assembleias de Deus no Brasil. O que eu falei com vocês? O projeto de Eugenia? Em 30 anos, os homens negros estariam exterminados. o Brasil seria um país branco, era o que dizia o projeto. O que acontece? Trinta anos depois, as Assembleias de Deus eram a religião mais negra do Brasil. A religião mais negra no Brasil era a Assembleia de Deus. Por quê? Porque a Assembleia de Deus dava aos homens negros um lugar na sociedade. o Abdi nasceu dizendo, um homem negro numa sociedade branca não é um homem, é um homem negro. Só que ele entrando na Assembleia de Deus, deixava de ser homem negro, ele se tornava um homem. Porque, ao entrar na Assembleia, a Raquel de Queiroz, que foi, inclusive, presidente da Academia de



Letras nessa época, ela escreve um texto a partir de um lugar que ela vê, lá no Ceará, e diz assim, dá gosto de ver homens que outrora estavam nas calçadas, bêbados, perigosos, agora são homens andando de terno, com família, e que se encontram com outros homens, apertam as mãos e dizem, a paz do senhor. Ou seja, a igreja deu a esses homens negros um lugar, uma família, um nome na sociedade. Como esses homens não vão amar essa igreja? O meu pai é disso. Meu pai é pastor da Assembleia de Deus. E eu estava discutindo agora com uma amiga. Eu falei, amiga, se tirar a Assembleia de Deus do meu pai e o pastorado dele, a única coisa que vai sobrar é um homem negro. Não sobra mais nada. É o único lugar que meu pai nunca falhou. Meu pai é pastor da Assembleia de Deus desde 1935. Vocês têm noção? Desde 1935. A adolescência dele foi dentro da Assembleia de Deus. Adolescência, juventude, infância, se torna pastor muito cedo, viaja o Brasil inteiro pela Assembleia, prega. Eu sou filho de um pastor que tem um grande nome na Assembleia de Deus. Conheci o Brasil quase todo por causa do meu pai, pastor Elizeu Gomes, fundador ao lado do pastor Paulo Leivas Macalão, ao lado do pastor Cícero Canuto de Lima, grandes nomes na Assembleia de Deus e meu pai é um desses pastores. E hoje eu olho e falo, cara, se tirar do meu país, aí a única coisa que sobra é um homem negro. Então hoje eu entendo porque a Assembleia de Deus vai se tornar em pouco tempo a religião mais negra do Brasil. Inclusive vai surgir uma tese na década de 90, não sei se você já teve acesso, de doutorado, do primeiro doutorado sobre a Assembleia de Deus, é a tese de um teólogo metodista, na UESP, onde depois vai originar o livro, Assembleia de Deus, a religião mais negra do Brasil. Vai ser uma tese, hoje é um livro, você acha aí na internet esse livro. A religião mais negra no Brasil. Por que essa mulher de Deus é a religião mais negra do Brasil? Tirava o álcool, tirava esse homem do álcool, tirava esse homem da rua, tirava esse homem da droga, dava uma esposa para ele, dava uma família pra ele, dava um lugar pra ele, ele era chamado de irmão, ele era abraçado, ele tinha um lugar, recebia um título e recebia um espaço dentro da sociedade. Um homem negro, numa sociedade branca, não é um homem. É um homem negro. Mas se ele tiver uma religião, ele deixa de ser um homem negro. A questão racial, Felipe, nunca foi uma questão para o meu pai. Nunca foi. Meu pai não é um homem negro. Meu pai é pastor das Assembleias de Deus. Entende? Sim.

[OFF]

A lembrança do Jairo sobre o início da Assembleia de Deus é essencial. Nos anos 1920 e 1930, em Belém do Pará e no Rio de Janeiro, homens negros eram recebidos como irmãos, evangelistas, obreiros — algo impensável nas igrejas históricas da época.

Para muitos, foi a primeira vez que foram chamados de “senhor”, de “pastor”, de “irmão” — e não de “moço”, “crioulo” ou “empregado”. Esse reconhecimento espiritual funcionou como uma contra-história da exclusão racial.

Por isso, como diz o próprio Marco Davi de Oliveira pastor batista, teólogo, escritor e ativista, “o pentecostalismo não é apenas uma religião entre os negros: é também uma reexistência negra dentro do cristianismo.”

[OFF]

Segundo o pastor Marco Davi, no livro *A Religião Mais Negra do Brasil*, a maioria dos negros



evangélicos pertencem a igrejas pentecostais. A promessa de uma vida transformada, aliada ao discurso de redenção, fez com que muitos encontrassem nessas igrejas um refúgio contra as violências da sociedade racista.

Mas até que ponto essa inclusão foi realmente uma escolha? A estrutura dessas igrejas de fato combate o racismo ou apenas ignora suas dinâmicas?

Então, se hoje a gente entende que o pentecostalismo é a religião mais negra do Brasil, não é só uma questão de números. É uma escolha de resistência, de afeto, de reencontro com a dignidade. É também uma forma de dizer: esse lugar também é nosso. O altar também é nosso. O Espírito também é nosso.

Não esqueça de seguir o *Cristo, como eu* no Spotify e nas redes sociais.

Compartilhe esse episódio com aquele amigo que sempre pergunta por que você “ainda é crente”.
Porque agora você já tem argumento — e testemunho.

No próximo episódio, vamos refletir sobre o que leva alguém a escolher Cristo. Como a fé molda a identidade e como essa escolha é influenciada por fatores sociais e emocionais? Acompanhe nossa última conversa dessa série!

Até a próxima!

A paz de Senhor!



Episódio 3 - Por que escolher Cristo?

[ABERTURA]

Olha, o que me fez escolher Cristo foi... É engraçado que isso até entrar nessa questão que muitos têm falado, né? Ah, é porque o cristianismo não é pra negro, não é pra isso, não é pra aquilo. Pra mim, o que me fez escolher Cristo um dos principais motivos foi sentir-me aceita, sentir esse acolhimento de verdade. Porque toda a minha vida eu já tive muitas fases complicadas na minha vida, né? Alguns períodos depressivos, alguns períodos de ansiedade. Em todos esses períodos, o único que eu sentia mesmo que realmente me entendia em todo esse tempo era Deus, era Cristo, e o amor de Cristo, quando eu olhava para o amor de Cristo, principalmente nas piores épocas da minha vida, eu olhava assim e falava, meu Deus, é aqui que eu tenho uma felicidade, onde eu não consigo nesse mundo

Fala, povo! Chegamos ao último episódio desta série no nosso Podcast jornalístico **Cristo 's, como eu!** Eu sou Felipe Arguelho — jornalista em formação, um homem negro retinto, de 21 anos, apaixonado por Cristo

(sobe trilha sonora)

[OFF]

A escolha de seguir a Cristo não acontece no vácuo. Ela está inserida em um contexto social, cultural e emocional.

Para muitos, Cristo representa mais do que uma figura histórica: é um guia, um amparo e um caminho de vida. Mas essa escolha é atravessada por questões raciais e identitárias e isso também se reflete na vivência religiosa. Afinal, um Cristo branco pode dialogar com a realidade de um jovem negro na periferia?

A identidade cristã pode ser uma forma de resistência, mas também de alienação. Segundo o pastor batista Henrique Vieira, sociólogo, historiador e teólogo, no livro “Jesus Negro, um grito antirracista da Bíblia” afirmar um Cristo negro não é sobre dividir, mas sim sobre resgatar uma verdade histórica esquecida pelo racismo estrutural.

A imagem de Jesus como um homem branco, de pele clara, olhos claros e cabelos loiros foi consolidada principalmente a partir do **Renascimento**, entre os séculos XV e XVI, período em que artistas europeus — como Michelangelo, Leonardo da Vinci e outros mestres italianos — passaram a retratar figuras bíblicas com traços europeus, reforçando ideais estéticos eurocêntricos. Essa representação se fortaleceu ainda mais durante a **expansão colonial europeia**, quando a iconografia cristã foi usada para legitimar a dominação cultural e racial nos territórios colonizados.

Essa representação não condiz com as descrições bíblicas nem com o contexto geográfico e étnico da Palestina do século I. No entanto, ela se tornou hegemônica com o avanço do



cristianismo europeu nas Américas e na África. Como aponta o teólogo James Cone, na obra *A Teologia Negra da Libertação*, a branquitude de Jesus foi usada historicamente para justificar o racismo e a opressão, tornando o Cristo branco símbolo da dominação e não da libertação.

O que significa, então, escolher Cristo? Até que ponto essa escolha é individual e até que ponto ela é influenciada por estruturas maiores?

A caminhada de fé de jovens negros é atravessada por desafios que vão além do espiritual. Racismo, exclusão social e a busca por sentido são marcas dessa jornada. Pedro Simões de 21 anos, jovem negro e cristão, estudante de Direito, compartilha como sua escolha por Cristo foi também uma forma de reafirmar sua identidade e encontrar propósito em meio às dores e invisibilidades impostas pela sociedade.

[TRECHO DA ENTREVISTA - PEDRO]

Acima de tudo, o amor. O amor condicional. O amor sem fronteiras, o amor sem barreiras, aquele que me ama de qualquer forma. Se eu tô errado, se eu tô certo, se eu pequei, se eu não pequei. Esse amor que eu não vejo neste mundo, mas eu vejo nele. Isso foi o que fez eu querer ficar com Cristo e entender que o sacrifício dele foi suficiente pra mim. Cara, quem que daria a sua vida por mim? Sabe? Pra mim é algo muito impactante. É muito estranho você falar de Cristo e você não remeter à crucificação. Cristo não foi só um homem. Cristo foi um homem extraordinário, o homem mais inteligente da face dessa Terra. Um homem que não existe aqui na Terra. Pode ser a pessoa mais bondosa que for, que tem um coração puro, que ajuda as pessoas, que faz de tudo pelas pessoas, mas ela não vai ser como Cristo foi. Eu acredito. Eu não sou como Cristo foi. Eu tento ser. Eu tento alimentar as características que Ele colocou em mim pra que eu me torne mais parecido, mas ser Ele eu não vou ser. Não vou ser, porque se um dia uma pessoa atingir, eu acho que o grau de Cristo, como Cristo foi, nem na Terra ela vai mais estar. Eu acho. Porque é muito complexo. É muito complexo mesmo. Eu acho que Cristo, a maior representatividade dele com as pessoas foi o amor. A pregação, a forma como ele levava o evangelho. Tanto que ele vem sendo um homem muito à frente do templo dele, destruindo todas as barreiras, destruindo as religiosidades que eram impostas pelos grandes religiosos, que foram os mesmos que crucificaram. Então esse é o Cristo que eu sigo. Porque ele já me mostrou que a religiosidade não faz parte dele. Que a intolerância religiosa não faz parte dele. Que esse não é o reino dele. Esse é o Cristo que eu tenho como verdade.

A nossa igreja atualmente recebe todo tipo de pessoas. E esse todo tipo de pessoas, por que elas vêm? Porque elas encontram e veem o Cristo que eu estou falando. Não é mais aquele Cristo punitivo. Não é aquele Cristo que vai te mandar pro inferno se você não cumprir os mandamentos. Não é aquele evangelho que você sente medo e você segue Deus por medo. Por medo de ir pro inferno, não. Você segue Deus por você amar Ele acima de tudo. Você segue Deus porque você se identifica com as características dEle e entende que aquele amor lá, ele é muito além. Ele é muito além do que as pessoas falam, do que o meu próprio pastor prega todo domingo, do que eu próprio canto todo domingo. É muito além. É muito além mesmo. Então quando você vira essa chave, você entende isso. E a questão de representatividade,



[OFF]

Durante o período da escravidão, muitos africanos escravizados foram forçados a se converter ao cristianismo. No entanto, houve resistência à fé europeia, mas uma ressignificação. No Brasil, por exemplo, movimentos como o catolicismo popular e, mais recentemente, o pentecostalismo nas periferias urbanas, foram espaços em que pessoas negras reinterpretam a fé a partir de suas próprias vivências. O sociólogo Reginaldo Prandi na obra *Herdeiros da fé: os evangélicos no Brasil*, destaca que “os negros não apenas aceitaram o cristianismo, mas também o moldaram conforme suas culturas, afetos e resistências”. Essa visão de Cristo como amor absoluto aparece de forma recorrente.

Para Rafaela Teodoro, de 25 anos, mulher negra e estudante de jornalismo, a identificação com Jesus passa por esse acolhimento radical — por um amor que não julga, que aceita, que transforma.

[TRECHO DA ENTREVISTA - RAFAELA] 09:49-12:26/2:37

Olha, o que me fez escolher Cristo foi... É engraçado que isso até entrar nessa questão que muitos têm falado, né? Ah, é porque o cristianismo não é pra negro, não é pra isso, não é pra aquilo. Pra mim, o que me fez escolher Cristo um dos principais motivos foi sentir-me aceita, sentir esse acolhimento de verdade. Porque toda a minha vida eu já tive muitas fases complicadas na minha vida, né? Alguns períodos depressivos, alguns períodos de ansiedade. Em todos esses períodos, o único que eu sentia mesmo que realmente me entendia em todo esse tempo era Deus, era Cristo, e o amor de Cristo, quando eu olhava para o amor de Cristo, principalmente nas piores épocas da minha vida, eu olhava assim e falava, meu Deus, é aqui que eu tenho uma felicidade, onde eu não consigo nesse mundo. E eu sempre questionei tudo, muito, né? Muito, muito, muito mesmo. E quanto mais eu questionava, mais eu via que todas as respostas que eu precisava estavam na Bíblia. E eu via, assim, que se algum dia eu descobrisse que o cristianismo não estava certo, aquilo que eu vi ali na Bíblia, no mínimo, seria algo muito útil pra mim, seria muito bom. E no mínimo, seria algo que me faria ter paz, me faria melhor como ser humano, me faria me sentir bem. Então, eu comecei a me aprofundar cada vez mais naquilo que eu lia, naquilo que eu via, e quanto mais eu lia, mais eu me sentia amada, era algo que eu precisava muito, mais eu me sentia. Mas eu compreendia que toda a maldade que a gente vê, o caos que a gente vê no mundo muitas das vezes, por muitas das vezes é causado por nós mesmos, por causa de consequências, de coisas que a gente decide, nem tudo, é óbvio que tem coisas que não é nossa culpa exatamente, a culpa... de coisas que fogem do nosso controle, mas eu vejo que nós, como seres humanos, poderíamos ser melhores, as coisas poderiam ser melhores se a gente seguisse princípios. E esses princípios bíblicos, eles nos fazem alguém melhor. Mas assim, eu poderia dizer que o que me levou a escolher o Evangelho seria a aceitação, o amor, É esse constrangimento que eu sentia quando eu olhava tudo ali, que eu falava, meu Deus, olha exemplo de Cristo e olha as minhas atitudes. E também essa questão de se tornar alguém melhor a partir de princípios. Seria isso.

[OFF]

O sentimento de pertencimento que muitos jovens negros relatam ao escolher Cristo se relaciona com a experiência histórica de exclusão e marginalização. A igreja, em muitos casos, é o primeiro espaço onde esses jovens são ouvidos, valorizados e acolhidos. Segundo a pesquisa



Juventudes e Religiosidades da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2020, cerca de 42% dos jovens evangélicos nas periferias dizem que a fé foi determinante para escapar da depressão ou do envolvimento com o crime. O Cristo que eles seguem é menos o da cruz dourada no altar e mais o da periferia, das ruas, do consolo no meio da dor. Escolher Cristo, para alguns, é reencontrar a própria dignidade.

Para Ana Carolina Inácio de 22 anos, vendedora de Automóveis e ministra de louvor na Assembleia de Deus Missões em Campo Grande, seguir a Cristo é reencontrar a esperança em meio ao caos do cotidiano

[TRECHO DA ENTREVISTA - CAROL]

Bom, a minha fé influencia as minhas decisões diretamente porque eu acredito na influência do Espírito Santo sobre a minha vida. A partir do momento que eu entendo que se eu tenho que tomar uma decisão, e eu não colocar o Espírito Santo na frente. Eu posso estar decidindo a coisa errada e isso pode causar sérios danos na minha vida. Então quando a gente coloca o Espírito Santo na frente, seja uma decisão profissional seja uma decisão espiritual também emocional. Eu entendo que agora é ele que vai seguir ele que vai guiar e é ele que vai tomar conta. E a chance disso aí dar muito certo é gigantesca, porque aquilo que Deus coloca na nossa vida sempre vai ser melhor do que as nossas decisões. Então a minha fé influencia sempre diretamente naquilo que eu decido e forma quem eu sou, porque através da minha fé eu acredito sempre que algo vai ser melhor. Quando algo de ruim acontece, eu acredito que vai melhorar. Eu acredito que, o que fala numa passagem também da Bíblia, que o choro ele vai durar uma noite, mas a alegria vai vir pelo amanhã. Então, é por isso que a minha fé tem me formado também desde sempre, desde muito nova. Bom, eu sinto que a mensagem de Jesus influencia diretamente na minha realidade atual porque assim como diz lá em Eclesiastes 3 que para todas as coisas há um tempo há tempo de nascer há tempo de morrer. Eu sempre coloco na minha vida que mesmo que as coisas não estejam bem hoje mesmo que não esteja dando certo mesmo que eu não esteja vendo alguma saída. Eu continuo crendo que sempre haverá um escape, que sempre haverá um renovo e que Deus sempre trará respostas e soluções para as nossas vidas. Hoje a minha realidade por exemplo que eu citei para você que eu trabalho como vendedora e para quem conhece o vendedor ele tem uma dificuldade todo mês ele tem que garantir o emprego dele de novo. Então nós temos metas a cumprir, muitas das vezes 10, 8, 9 carros e chegar no primeiro dia do mês e você olhar e falar eu tenho zero carros e chegar no dia 15 eu tenho zero carros. E aí eu tenho que continuar acreditando e colocando Deus na minha realidade. Por quê? Porque eu acredito que mesmo que eu esteja com zero carro no dia 15, no dia 16 eu posso amanhecer e chegar cliente do nada falando que quer comprar um carro e comprar 4, 5 carros assim como já aconteceu. de chegar no dia 20 e eu não ter um carro ainda na minha meta e do nada eu chegar a quase bater ali a meta.

[OFF]



A chamada teologia da prosperidade, muito difundida no meio evangélico, associa a fé à conquista de bens materiais. No entanto, ela tem sido cada vez mais questionada por movimentos cristãos negros e periféricos, que veem nisso uma distorção da mensagem de Jesus. O pastor Henrique Vieira, por exemplo, afirma em seu livro *Jesus Negro* que "Cristo não morreu para que tivéssemos um carro do ano, mas para que fôssemos livres". Para esses cristãos, o evangelho não é um contrato de bênçãos, mas uma convocação à justiça, à solidariedade e ao amor radical. A identidade cristã, então, se constrói também no cotidiano, nas decisões profissionais, no enfrentamento dos desafios sociais. Mas e a representatividade? Um Cristo sem rosto pode acolher todas as vozes?

Para o psicanalista Jairo Carioca, antes de tudo, é importante diferenciar as formas como católicos e evangélicos lidam com a representação religiosa. Os evangélicos, por exemplo, não trabalham com imagens; seu foco está no simbólico, na força da palavra, na performance retórica dos pregadores. Já a Igreja Católica tem uma tradição imagética muito forte, com santos, imagens e símbolos visuais presentes em todo o país.

E isso impacta diretamente a maneira como o jovem evangélico se vê e como se constrói a identidade cristã no contexto contemporâneo — um contexto que, muitas vezes, distorce ou distancia do discurso original de amor pregado por Jesus.

[TRECHO DA ENTREVISTA - JAIRO 56:35 -01:00:07]

Isso não tem nós evangélicos porque os evangélicos não trabalham com imagem. Aí é na Igreja Católica. A Igreja Católica tem uma representação imagética muito forte. Na representação imagética da Igreja Católica, você tem lá, sim, a imagem branca. Mas olha só, qual é o maior movimento religioso da Igreja Católica no Brasil? O maior movimento é aquele que reúne a maior quantidade de pessoas. Qual é a data do calendário brasileiro que reúne a maior data de fiéis no mesmo lugar pra comemorar aquele dia? Qual é? É a Nossa Senhora da Aparecida. E ela é o quê? Ela é uma Santa Preta. Por que será? Tem alguma coisa que tá sendo dita aqui que a gente não tá ouvindo. A maior reunião de católicos no Brasil se dá no dia 12 de outubro, que é o dia da Nossa Senhora Aparecida, que é uma mulher preta. A imagem dela é de uma mulher preta. Sabe? A gente não pode comprar esse discurso que a mídia tá dizendo, ó, como é que o jovem constrói. Vê que eu acabei de escrever um artigo, eu vou passar pra você ler, onde eu tô falando sobre a questão do feminicídio, a questão das violências das mulheres e a importância da construção feminina no imaginário mariano. Porque é uma mulher preta. E por que será que essa santa, que não é instituída pela igreja, porque Maria não foi instituída pela igreja, Maria foi instituída pelo povo. Não é a igreja que colocou ela no altar, quem colocou foi o povo. E a igreja só reconheceu a autoridade do povo. Porque o povo a elegeu. Foi o povo que a elegeu. Se for fazer uma pesquisa entre os católicos, 90% é devoto de Maria. que é uma mulher negra, volto a repetir, que no Brasil é uma mulher negra, que lá no México é na cidade de Guadalupe, que é uma mulher também com as feições dos povos originários e por aí vai. Em cada povo desse, que eu estou trabalhando no meu artigo, eu estou mostrando que há ali um ideal, um inconsciente coletivo que apresenta o imaginário negro. O imaginário no catolicismo é muito forte. Já na igreja evangélica não se trabalha com imagética, trabalha com simbólico. Na igreja evangélica, o que é forte não é a imagem, é o símbolo. A gente procura seguir quem fala bonito. Tem que ter a melhor retórica. É



o simbólico que é muito forte. Caramba, esse pregador prega muito. Então é simbólico que na igreja evangélica seja forte. Entendeu? E aí se busca construir, a partir de uma identidade cristã, esse simbólico. Olha, como é que eu construo essa imagem desse jovem dentro da igreja evangélica? Olha, eu tenho que trazer evangelho, eu tenho que trazer Jesus, eu tenho que trazer as palavras do Cristo, eu tenho que reconstruir esse simbólico do Cristo que está desconstruindo a igreja evangélica, porque a igreja evangélica hoje virou cenário de guerra. É um culto de fogo, é batalha, é isso, é aquilo. E isso não estava no discurso de Jesus. O discurso de Jesus é o discurso de amor. Então, como é que se constrói essa identidade? Como é que se faz tudo isso? Olha, a gente vai ter que construir uma outra coisa. Não esse evangelho que está aí, não é isso que está aí. Que a igreja contribui para uma desconstrução?

[OFF]

Nas igrejas evangélicas, o símbolo fala mais alto que a imagem. Mas qual símbolo tem sido repetido? Um Cristo punitivo, bélico, intolerante? Ou um Cristo que compartilha o pão e acolhe os diferentes

[TRECHO DA ENTREVISTA - JAIRO]

O evangelho é uma filosofia de vida, é um modo de existir, é um modo de ser. Entende? O evangelho de Jesus se resume a uma única frase. Não faça o outro aquilo que você não gostaria que fizesse com você. Está lá no livro de Marcos. É a ética do evangelho, é a ética do bem. É a ética de só fazer aquilo e da mesma proporção que você gostaria que fizessem com você. Essa é a ética do evangelho. E qual é a ética do evangelho? Tem duas capas? Então, dá outra pro seu irmão que não tem nenhuma. O evangelho não pede que você se despoje do que você não tem. O evangelho diz que você tem duas. Então, se você tem duas, você não vai ficar nu, se der a outra pro seu irmão. O evangelho é o evangelho do quê? Do pão multiplicado, porque o pão é dividido. Isso é evangelho. Então, assim, na minha perspectiva, o evangelho é uma ética de vida. Agora, é preciso entender aquilo que a gente chamou de evangelho, o que é doutrina, o que é igreja, o que é segmento. Isso não, isso é um atraso de vida. Então, o evangelho me permite abraçar corpos LGBTQs e chamar de meus irmãos. O evangelho me permite ser amigo de mulheres e homens trans. O evangelho me permite transitar em espaços os mais diversos, porque o Cristo que eu sigo é o Cristo das margens. O Cristo que eu sigo não estava almoçando com os fariseus, amigo. Estava almoçando lá em Betânia, um leprosário, na casa de Marta Maria. É isso.

[OFF]

Historicamente, Jesus viveu como um homem pobre, em um território ocupado pelo Império Romano. Era um judeu marginalizado, que andava com prostitutas, pescadores e cobradores de impostos. Na lógica do poder, ele não era ninguém. No entanto, é exatamente desse lugar que ele fala: das margens. Para muitos jovens negros cristãos, especialmente os que vivem nas periferias, essa identificação com o Cristo marginalizado é profunda. Como diz o teólogo Ronilso Pacheco na obra Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito, “a cruz de Jesus não é o símbolo da submissão, mas da insubordinação aos sistemas de morte”

Mas se a imagem de um Cristo branco e europeu afastou muitos, por outro lado, a experiência pessoal e comunitária com Deus tem sido um ponto de virada para muitas pessoas negras.



Especialmente nas periferias, a fé pode ser lugar de recomeço, cura e resistência. Renata Alves, mulher negra e evangélica, vendedora de 20 anos, fala sobre como escolher Cristo também é uma escolha por dignidade, pertencimento e reconstrução da autoestima..

[TRECHO DA ENTREVISTA - RENATA]

Assim como todos os cristãos, a gente busca se basear nas nossas escolhas, na nossa vivência, conforme aquilo que a Bíblia diz. Nem sempre agimos da forma correta, mas estamos sempre buscando por isso. E comigo não é diferente. Então, a minha fé, a Bíblia em si, direciona as minhas escolhas, os meus pensamentos, as minhas ideologias. Eu tento pautar tudo na Bíblia. Seguir o que a Bíblia fala, o que ela me direciona. Abrir mão do que ela rejeita e abomina. E assim, seguindo na caminhada. Cristo, ele é atemporal. E ele me ensina a lidar com desafios, a perdoar, a ter esperança, a lidar com perdas, a renunciar. Então em todas as áreas da minha vida eu consigo ver que a palavra dele... os ensinamentos... e a presença dele é real e sustentadora. E isso me motiva todos os dias... e isso me empurra quando tem que me empurrar... puxa a orelha quando tem que ser puxada... é algo vivo... literalmente. Então isso direciona a minha caminhada diária. A representatividade vem do acolhimento, da possibilidade de contribuir com os dons e talentos que Deus me deu. E eu vejo na igreja um ambiente que valoriza essa diversidade dentro dos princípios cristãos.

[OFF]

O debate sobre a identidade de Jesus e a forma como ela foi moldada ao longo da história não é apenas uma questão de fé, mas também de poder. Quem representou Jesus ao longo do tempo? E com quais interesses? Magali Cunha, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião, que estuda mídia, religião e política, nos ajuda a entender como a branquitude de Cristo se tornou um projeto ideológico e como isso afeta a forma como pessoas negras se reconhecem — ou não — nesse Jesus que lhes foi apresentado.

[TRECHO DA ENTREVISTA - MAGALI]

A identidade cristã inclusiva e dialógica é, de fato, um princípio que pode ser observado na tradição cristã, de ter a inclusão e o diálogo como valores muito importantes, em especial nos processos de comunicação. Então, a comunicação digital pode, sim, promover uma identidade cristã mais inclusiva, mais dialógica, com alcance mais intenso dos jovens, nos formatos em que as vozes, as diferentes vozes, dos diferentes grupos que estão presentes no mundo cristão, possam ser ouvidos. As diferentes perspectivas, que um mosaico de experiências possa ser apresentado, que as ideias possam ser amplamente debatidas, que não haja repressão a este ou aquele tema, que não haja lixamento digital de personagens que são lidas e interpretadas como inimigas porque elas pensam diferente. Então, é importante que, para que haja essa contribuição na construção de identidade, mas inclusive dialógica, que se torne possível a compreensão do valor das diferenças, do valor da diversidade



[OFF]

Escolher Cristo é, para muitos, um gesto de salvação. Para outros, um reencontro com a própria humanidade. Mas, acima de tudo, é uma caminhada — feita de amor, de dor, de fé e de esperança. Como lembra a pesquisadora Magali Cunha, a identidade cristã pode e deve ser inclusiva e dialógica, abraçando as diferenças, acolhendo vozes diversas e promovendo espaços em que ninguém precise ser silenciado por pensar diferente. Seguir os passos de Cristo é também aprender a ouvir, acolher e caminhar junto, reconhecendo no outro a imagem de Deus. E, mesmo que nunca sejamos exatamente como Ele, ao escolher Cristo, estamos nos aproximando do amor absoluto e da humanidade plena que Ele representa.

Você acabou de ouvir o terceiro e último episódio desta série do podcast **Cristo 's, como eu**. Produzido por mim Felipe Arguelho — jornalista em formação, homem negro retinto, de 21 anos para conclusão do curso de jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do professor Marcos Paula da Silva.

Se essa conversa falou com você, compartilhe. E lembre-se: existe um Cristo que caminha com você — e Ele também pode se parecer com você.

bênção apostólica

Pai

Piloto:

<https://open.spotify.com/episode/5DIWOX6a90crG9yr1uDigm?si=IUk2VETbSUGeIO9Jf96OzA>

Ep 01:

<https://open.spotify.com/episode/2YgaHzEFRZeSQUTZz5QH3b?si=r2NW7UHASbijJeXcMzOKEw>

Ep 02:

<https://open.spotify.com/episode/5Y2FyraESmNSwa7w0Fq37L?si=eZwhOKpNSSWghEsnQNvg8Q>

Ep: 03

<https://open.spotify.com/episode/6zTus82D1FEgxpta4DsVf6?si=GDRF7E51QOmldZP-qbWQg>